



Universidade da Amazônia

História da Província de Santa Cruz

de Pêro de Magalhães
Gândavo



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

História da Província de Santa Cruz

de Pêro de Magalhães Gândavo

APROVAÇÃO

Li a presente obra de Pêro de Magalhães, por mandado dos Senhores do conselho geral da Inquisição, e não tem coisa que seja contra nossa Santa Fé católica, nem os bons costumes, antes muitas, muito para ler, hoje dez de Novembro de 1575.

— Francisco de Gouvea.

Vista a informação pode-se imprimir, e torne o próprio com um dos impressos a esta Mesa: e este despacho se imprimirá no principio do Livro com a dita informação. Em Évora a dez de Novembro. — Manoel Antunes Secretario do Conselho geral do Santo Oficio da Inquisição o fez de 1575 anos. — Lião Anriques

—ManoeldosCoadros.

AO MUITO ILUSTRE SENHOR DOM LIONIS PEREIRA SOBRE O LIVRO QUE LHE OFERECE PERO DE MAGALHÃES TERCETOS DE LUÍS DE CAMÕES

Depois que Magalhães teve tecida
A breve historia sua que ilustrasse,
A Terra Santa Cruz pouco sabida;
Imaginando a quem a dedicasse,
Ou com cujo favor defenderia
Seu livro, de algum zoilo que ladrasse,
Tendo nisto ocupada a phantasia,
Lhe sobreveio um sono repousado,
Antes que o Sol abrisse claro dia.
Em sonhos lhe aparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa,
Com que fez quem o viu todo enfiado,
Dizendo em voz pesada e temerosa:
Não é justo que a outrem se ofereça
Nenhuma obra que possa ser famosa,
Senão a quem por armas resplandeça
No mundo todo com tal nome e fama,
Que louvor imortal sempre mereça,
Isto assim dito, Apollo que da flama
Celeste guia os carros, da outra parte
Se lhe apresenta, e por seu nome o chama,
Dizendo: Magalhães, posto que Marte
Com seu terror t'espante, todavia
Comigo debes só aconselhar-te
Um barão sapiente, em quem Talia

Pôs seus tesouros, e eu minha ciência,
Defender tuas obras poderia.
É justo que a escritura na prudência
Ache sua defesa; porque a dureza
Das armas, é contrária da eloquência.
Assim disse: e tocando com destreza
A citara dourada começou
De mitigar de Marte a fortaleza:
Mas Mercúrio, que sempre costumou
A despartir porfias duvidosas,
Co'o caducêo na mão que sempre usou,
Determina compor as perigosas
Opiniões dos Deuses inimigos,
Com razões boas, justas e amorosas,
E disse, bem sabemos dos antigos
Heróis, e dos modernos que provaram
De Belona os gravíssimos perigos,
Que também muitas vezes ajuntaram
As armas eloquência; porque as Musas
Mil capitães na guerra acompanharam.
Nunca Alexandro, ou Cesar, nas confusas
Guerras deixaram o estudo um breve espaço.
Nem armas das ciências são escusas.
N'uma mão livros, noutra ferro e aço:
A sua rege e ensina e outra fere
Mais c'o saber se vence que co'o braço.
Pois, logo barão grande se requiere,
Que com teus dons Apollo illustre seja,
E de ti Marte palma e gloria espere.
Este vos darei, eu em que se veja,
Saber e esforço no sereno peito,
Que se Dom Lionis que faz ao mundo inveja.
Deste as irmãs em vendo o bom sujeito,
Todas nove nos braços o tomaram,
Criando-o com seu leite no seu leite.
As artes e ciência lhe ensinaram,
Inclinação divina lhe influirão,
As virtudes morais que o logo ornarão.
Daqui os exercícios o seguirão,
Das armas no Oriente, onde primeiro,
Um soldado gentil instituirão.
Ali tais provas fez de Cavaleiro,
Que de Cristão magnânimo e seguro,
Assim mesmo venceu por derradeiro.
Depois já Capitão forte e maduro
Governando toda Áurea Cérsoneso,
Lhe defendeu c'o braço o débil muro.
Porque vindo a cercá-la todo o peso
Do poder dos Acéns, que se sustenta
Do sangue alheio, em fúria todo aceso.

Este só que a ti Marte representa
O castigo de sorte, que o vencido
De ter quem fique vivo se contenta.
Pois tanto que o grão Reino defendido
Deixou: Segunda vez com maior gloria
Pero o ir governar foi elegido.
Mas não perdendo ainda da memória
Os amigos o seu governo brando
Os inimigos o dano da vitoria.
Uns com amor intrínseco esperando
Estão por ele, e os outros congelados
O vão com temor frio receando.
Pois vede se serão desbaratados
De todo por seu braço, se tornasse,
E dos mares da Índia degradados.
Porque é justo que nunca lhe negasse
O conselho do Olimpo alto e subido
Favor e ajuda com que pelejasse
Pois aqui certo está bem dirigido,
De Magalhães o livro, este só deve
De ser de vós ó Deuses escolhido.
Isto Mercúrio disse: e logo em breve
Se conformarão nisto, Apollo e Marte,
E voou juntamente o sono leve.
Acorda Magalhães, e já se parte
A vós oferecer Senhor famoso
Tudo o que nele pôs, ciência e arte.
Tem claro estilo, ingenho curioso
Para poder de vós ser recebido,
Com mão benigna de animo amoroso.
Porque só de não ser favorecido
Um claro espirito, fica baixo e escuro
E seja ele convosco defendido
Como o foi de Malaca o fraco muro.

SONETO DO MESMO AUTOR AO SENHOR DOM LIONIS, ACERCA DA VITORIA
QUE HOVE CONTRA EL-REI DO ACÉM E MALACA

Vós Nymphas da Gangelica espessura,
Cantai suavemente em voz sonora
Um grande Capitão, que a roxa
Aurora Dos filhos defendeu da noite escura,
Ajuntou-se a caterva negra e dura,
Que na Áurea Cérsoneso afouta mora,
Para lançar do caro ninho fora
Aqueles que mais podem que a ventura;
Mas um forte Leão com pouca gente,
A multidão tão fera como necia,
Destruindo castiga, e torna fraca.

Pois ó Nymphas cantai, que claramente
Mais do que Lionidas fez em Grécia
O nobre Lionis fez em Malaca.

AO MUITO ILUSTRE SENHOR DOM LIONIS PEREIRA EPISTOLA DE PERO DE MAGALHÃES

Neste pequeno serviço, muito ilustre Senhor, que ofereço a V. M. das primícias de meu fraco entendimento poderá nalguma maneira conhecer os desejos que tenho de pagar com minha possibilidade alguma parte do muito que se deve a ínclita fama do vosso heróico nome. E isto assim pelo merecimento do nobilíssimo sangue e clara progenie donde traz sua origem, como pelos troféus das grandes vitórias e casos bem afortunados que lhe hão sucedido nessas partes do Oriente em que Deus o quis favorecer com tão larga mão, que não cuido ser toda minha vida bastante pera satisfazer à menor parte dos seus louvores. E como todas estas razões me ponham em tanta obrigação, e eu entenda que outra nenhuma cousa deve ser mais aceita a pessoas de altos ânimos que a lição das escrituras, per cujos meios se alcançam os segredos de todas as ciências, e os homens vêm a ilustrar seus nomes, e perpetua-los na terra com fama imortal, determinei escolher a V. M. entre os mais Senhores da terra, e dedicar-lhe esta breve história. A qual espero que folgue de ver com atenção, e receber-ma benignamente debaixo do seu emparão: assim por ser cousa nova, e eu a escrever como testemunha de vista: como por saber quão particular afeição V. M. tem ás cousas do engenho, e que por esta causa lhe não será menos aceito o exercício das escrituras que o das armas. Por onde com muita razão favorecido desta confiança possa seguramente sair à luz com esta pequena empresa, e divulgada pela terra sem nenhum receio, tendo por defensor dela a V. M. Cuja muito ilustre pessoa nosso Senhor guarde e acrescente sua vida e estado por longos e felizes anos.

PRÓLOGO AO LEITOR

A causa principal que me obrigou a lançar mão da presente historia, e sair com ela a luz, foi por não haver até gora pessoa que a empreendesse, havendo já setenta e tantos anos que esta Província É descoberta. A qual historia creio que mais esteve sepultada em tanto silencio, pelo pouco caso que os portugueses fizeram sempre da mesma província, que por faltarem na terra pessoas de engenho, e curiosas que per melhor estilo, e mais copiosamente que eu a escrevessem. Porém já que os estrangeiros a tem noutra estima, e sabem suas particularidades melhor e mais de raiz que nós (aos quais lançaram já os portugueses fora dela à força d'armas por muitas vezes) parece cousa decente e necessária terem também os nossos naturais a mesma noticia, especialmente pera que todos aqueles que nestes Reinos vivem em pobreza não duvidem escolhe-la para seu emparo: porque a mesma terra é tal, e tão favorável aos que a vão buscar, que a todos agasalha e ouvida com remédio por pobres e desamparados que sejam. E também ha nela cousas dignas de grande admiração e tão notáveis que parecera descuido e pouca curiosidade nossa, não fazer menção delas em algum discurso, e da-las à perpetua memória, como costumavam os antigos: aos quais não escapava cousa alguma que por extenso não reduzissem a história, e fizessem menção em suas escrituras de cousas menores que estas, as quais hoje em dia vivem entre nós como sabemos, e

viverão eternamente. E se os antigos portugueses, e ainda os modernos não foram tão pouco afeiçoados à escritura como são; não se perderão tantas antiguidades entre nós, de que agora carecemos, nem houvera tão profundo esquecimento de muitas cousas, em cujo estudo têm muitos homens doutos cansado, e revolvido grande copia de livros sem as poderem descobrir nem recuperar da maneira que passarão. Daqui vinha aos Gregos e Romanos haverem todas as outras nações por barbaras, e na verdade com razão lhes podiam dar este nome, pois eram tão pouco solícitos, e cobiçosos de honra que por sua mesma culpa deixavam morrer aquelas cousas que lhes podiam dar nome, e faze-los imortais. Como pois a escritura seja vida da memória, e a memória uma semelhança da imortalidade a que todos devemos aspirar, pela parte que dela nos cabe, quis movido destas razões, fazer esta breve historia, pera cujo ornamento não busquei epítetos esquisitos, nem outra formosura de vocábulos de que os eloqüentes Oradores costumam usar pera com artificio de palavras engrandecerem suas obras. Somente procurei escrever esta na verdade por um estilo facil, e chão, como meu fraco engenho me ajudou, desejoso de agradar a todos os que dela quizerem ter noticia. Pelo que devo ser desculpado das faltas que aqui me podem notar: digo dos discretos, que com são zelo o costumam fazer que dos idiotas e mal dissententes bem sei que não hei de escapar, pois está certo não perdoarem a ninguém.

CAPITULO I

De como se descobriu esta Província, e a razão porque se deve chamar Santa Cruz e não Brasil.

Reinando aquele mui Católico e Sereníssimo Príncipe El Rey Dom Manuel, fez-se uma frota para a Índia, de que ia por Capitão mor Pedro Alvares Cabral, que foi a segunda navegação que fizeram os Portugueses para aquelas partes do Oriente. A qual partiu da Cidade de Lisboa a nove de Março no ano de 1500. E sendo já entre as Ilhas do Cabo Verde, as quais iam demandar para fazer ai aguada, deu-lhes um temporal, que foi causa de as não poderem tomar, e de se apartarem alguns navios da companhia. E depois de haver bonança junta outra vez a frota, empregaram-se ao mar, assim por fugirem das calmarias de Guiné que lhes podiam estorvar sua viagem, como por lhes ficar largo poderem dobrar o Cabo de Boa Esperança. E havendo já um mês que iam naquela volta navegando com vento prospero, foram dar na Costa desta Província: ao longo da qual cortaram todo aquele dia, parecendo a todos que era alguma grande ilha que ali estava sem haver piloto nem outra pessoa alguma que tivesse noticia dela nem que presumisse que podia estar terra firme para aquela parte Ocidental. E no lugar que lhes pareceu dela mais acomodado, surgirão aquela tarde, onde logo tiveram vista da gente da terra: de cuja semelhança não ficarão pouco admirados, porque era diferente da de Guiné, e fora do comum parecer de toda outra que tinham visto. Estando assim surtos nesta parte que digo saltou aquela noite com eles tanto tempo, que lhes foi forçado levarem as ancoras, e com aquele vento que lhes era largo por aquele rumo, foram correndo a costa ate cegarem a um porto limpo, e de bom surgidouro, onde entrarão: ao qual puseram então este nome que hoje em dia tem de Porto Seguro, por lhes dar colheita, e os assegurar do perigo da tempestade que levavam Ao outro dia seguinte saiu Pedro Alvares em terra com a maior parte da gente na qual se disse logo missa cantada, e houve pregação: e os Índios da terra que ali se ajuntarão

ouvirão tudo com muita quietação, usando de todos os atos e cerimoniais que viam fazer aos nossos: e assim se punham de joelhos e batiam nos peitos como se tiveram lume de Fé, ou que por alguma via lhes fora revelado aquele grande e inefável mistério do Santíssimo Sacramento, no que se mostravam claramente estarem dispostos para receberem a doutrina Cristã a todo o tempo que lhes fosse denunciada como gente que não tinham impedimento de ídolos, nem professava outra Lei alguma que podesse contradizer a esta nossa, como adiante se verá no capitulo que trata de seus costumes. Então despediu logo Pedro Alvares um navio com a nova a El Rey Dom Manuel, a qual foi dele recebida com muito prazer e contentamento: e daí por diante começou logo de mandar alguns navios a estas partes e assim se foi a terra descobrindo pouco a pouco, e conhecendo de cada vez mais, até que depois se veio toda a repartir em Capitania e a povoar da maneira que agora está. E tornando-a Pedro Alvares, seu descobridor, passado alguns dias que ali esteve fazendo sua aguada e esperando por tempo que lhe servisse, antes de se partir por deixar nome aquela Província, por ele novamente descoberta, mandou alçar uma cruz no mais alto lugar de uma arvore, onde foi arvorada com grande solenidade e bênçãos de Sacerdotes que levava em sua companhia, dando á terra este nome de Santa Cruz: cuja festa celebrava naquele mesmo dia a Santa Madre igreja, que era aos três de maio. O que não parece carecer de Mistério, porque assim como nestes Reinos de Portugal trazem a cruz no peito por insígnia da Ordem e Cavalaria de Christus, assim prove a ele que esta terra se descobrisse a tempo que o tal nome lhe podasse ser dado neste Santo dia, pois havia de ser possuída de Portugueses, e ficar por herança de patrimônio ao Mestrado da mesma Ordem de Christus. Por onde não parece razão que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos dele tão indevidamente por outro que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o pão da tinta começou de vir a estes Reinos; ao qual chamaram brasil por ser vermelho, e ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com este nome de Brasil. Mas para que nesta parte magoemos ao Demônio, que tanto trabalhou e trabalha por extinguir a memória da Santa Cruz e desterra-la dos corações dos homens, mediante a qual somos redimidos e livrados do poder de sua tirania, tornemo-lhe a restituir seu nome e chamemo-lhe Província de Santa Cruz, como em principio (que assim o amoesta também aquele ilustre e famoso escritor João de Barros na sua primeira Década, tratando deste mesmo descobrimento) porque na verdade mais é destimar, e melhor soa nos ouvidos da gente Cristã o nome de um pão em que se obrou o mistério de nossa redenção que o doutro que não serve de mais que de tingir panos ou cousas semelhantes.

CAPITULO II

Em que se deve o Sitio e qualidades desta Província

Esta província Santa Cruz está situada naquela grande America, uma das quatro partes do mundo. Dista o seu principio dous grãos da equinocial para a banda do Sul, e daí se vai estendendo para o mesmo sul até quarenta e cinco grãos. De maneira que parte dela fica situada debaixo da Zona tórrida e parte debaixo da temperada. Está formada esta Província á maneira de uma harpa, cuja costa pela banda do Norte corre do Oriente ao Ocidente e está olhando diretamente a Equinocial; e pela do Sul confina com outras Províncias da mesma America povoada e possuídas de povo gentílico, com que ainda não temos comunicação. E pela do

Oriente confina com o mar Oceano Africo, e olha diretamente os Reinos de Congo e Angola até o Cabo de Boa Esperança, que é o seu oposto. E pela do Ocidente confina com as altíssimas serras dos Andes e fraldas do Peru, as quais são tão soberbas em cima da terra qui se diz terem as aves trabalho em as passar. E até hoje um só caminho lhe acharão os homens vindos do Peru a esta Província, e este tão agro que em o passar perecem algumas pessoas caindo do estreito caminho que trazem, e vão parar os corpos mortos tão longe dos vivos que nunca os mais vem, nem podem ainda que queiram dar-lhe sepultura.

Destes e doutros extremos semelhantes carece esta Província Santa Cruz porque com ser tão grande não tem Serras, ainda que muitas, nem desertos nem alagadiços que com facilidade se não possam atravessar. Alem disto é esta Província sem contradição a melhor pera a vida d.C. homem que cada uma das outras de America, por ser comumente de bons ares e fertilíssima, e em grão maneira deleitosa e aprazível á vista humana. O ser ela tão salutifera e livre de enfermidades, procede dos ventos que geralmente cursam nela: os quais são Nordeste e Sues, e algumas vezes Lestes e Lessuestes. E como todos estes procedam da parte do mar, vem tão puros e coados, que não somente não danam; mas recreiam e acrescentam a vida do homem. A viração destes ventos entra ao meio dia pouco mais ou menos e dura até de madrugada: então cessa por causa dos vapores da terra que o apagam, e quando amanhece as mais das vezes está o Céu todo coberto de nuvens, e assim as mais das manhãs chove nestas partes, e fica a terra toda coberta de névoa por respeito de ter muitos arvoredos que chamam a si todos estes humores. E neste intervalo sopra um vento brando que na terra se gera, até que o sol com seus raios o acalma, e entrando o vento do mar acostumado, torna o dia claro e sereno, e faz ficar a terra limpa e desimpedida de todas estas exalações.

Esta Província é à vista mui deliciosa e fresca em grão maneira: toda está vestida de mui alto e espesso arvoredo, regada com as águas de muitas e mui preciosas ribeiras de que abundantemente participa toda a terra, onde permanece sempre a verdura com aquela temperança da primavera que cá nos oferece Abril e Maio. E isto causa não haver lá frios, nem ruínas de inverno que ofendam as suas plantas, como cá ofendem às nossas. Em fim que assim se houve a Natureza com todas as cousas desta Província, e de tal maneira se comedio na temperança dos ares, que nunca nela se sente frio nem quentura excessiva.

As fontes que ha na terra são infinitas, cujas águas fazem crescer a muitos e mui grandes rios que por esta costa, assim da banda do Norte, como do Oriente, entram no mar Oceano. Alguns deles nascem no interior do sertão, os quais vem per longas e tortuosas vias a buscar o mesmo Oceano: onde suas correntes fazem afastar as marinhas águas per força, e entram nele com tanto ímpeto, que com muita dificuldade e perigo se pode por eles navegar. Um dos mais famosos e principais que ha nestas partes é o das Amazonas, o qual sai ao Norte meio grão da equinocial para o Sul e tem trinta léguas de boca pouco mais ou menos. Este rio tem na entrada muitas ilhas que o dividem em diversas partes e nasce de uma lagoa que está cem léguas do mar do Sul ao pé de umas serras do Quito, Província do Peru, donde partirão já algumas embarcações de Castelhanos, e navegando por ele abaixo vieram sair em o mar Oceano meio grão da Equinocial, que será distancia de 600 léguas per linha direita, não contando as mais que se acrescentam nas voltas que faz o mesmo rio. Outro mui grande cinqüenta léguas deste para Oriente sai tão bem ao Norte, a que chamam rio do Maranhão. Tem dentro muitas ilhas, e uma no meio da barra que está povoada de gentio, ao longo da qual podem surgir quaisquer

embarcações. Terá este rio sete léguas de boca pela qual entra tanta abundância de água salgada, que daí cinqüenta léguas pelo sertão dentro, é nem mais nem menos como um braço de mar até onde se pode navegar per entre as Ilhas sem nenhum impedimento. Aqui se metem dous rios nele que vem do sertão, per um dos quais entrarão alguns Portugueses quando foi do descobrimento que foram fazer no ano de 35, e navegarão por ele a cima duzentas e cinqüenta léguas até que não poderão ir mais por diante por causa da água ser pouca, e o rio se ir estreitando de maneira que não podiam já por ele caber as embarcações. Do outro não descobrirão cousa alguma e assim se não sabe até gora donde procedem ambos.

Outro mui notável sai pela banda do Oriente ao mesmo Oceano a que chamam de Sam Francisco: cuja boca está em dez grãos e um terço, e será meia légua de largo. Este rio entra tão soberbo no mar, e com tanta fúria que não cega a maré à boca, somente faz algum tanto represar suas águas e daí três léguas ao mar se acha água doce. Corre-se da boca, do Sul pera o Norte: dentro é muito fundo e limpo, e pode-se navegar por ele ate sessenta léguas como já se navegou. E daí por diante se não pode passar por respeito de uma cachoeira mui grande que ha neste passo onde cai o peso da água de mui alto. E acima desta cachoeira se mete o mesmo rio debaixo da terra, e vem sair uma légua daí, e quando ha ceias arrebenta por cima e arrasa toda a terra. Este rio procede de um lago mui grande que está no intimo da terra, onde afirmam que ha muitas povoações, cujos moradores (segundo fama) possuem grandes haveres de ouro e pedraria. Outro rio mui grande, e um dos mais espantosos do mundo, sai pela mesma banda do Oriente em trinta e cinco grãos, a que chamam rio da Prata o qual entra no Oceano com quarenta léguas de boca: e é tanto o ímpeto de água doce que traz de todas as vertentes do Peru, que os navegantes primeiro no mar bebem suas águas, que vejam a terra donde este bem lhes procede. Duzentas e setenta léguas por ele acima está edificada uma Cidade povoada de Castelhanos que se chama Ascensão. Até aqui se navega por ele, e ainda daí por diante muitas léguas. Neste rio pela terra dentro se vem meter outro a que chamam Paraguai, que tão bem procede do mesmo lago como o de Sam Francisco que atras fica. Além destes rios ha outros muitos que pela costa ficam, assim grandes como pequenos, e muitas enseadas, baías, e braços de mar, de que não quis fazer menção, porque meu intento não foi se não escolher as cousas mais notáveis e principais da terra, e trata-las aqui somente em particular, para que assim não fosse notado de prolixo e satisfizesse a todos com brevidade.

CAPITULO III

Das Capitánias e povoações de portugueses que há nesta Província

Tem esta Província, assim como vai lançada na linha Equinocial para o Sul, oito Capitánias povoadas de Portugueses, que contém cada uma em si pouco mais ou menos cinqüenta léguas de costa, e demarcam-se umas das outras por uma linha lançada Leste oeste: e assim ficam limitadas per estes termos entre o mar Oceano e a linha da repartição geral dos Reis de Portugal e Castela. As quais Capitánias El Rey Dom João, o terceiro desejoso de plantar nestas partes a Religião CHRISTÃ, ordenou em seu tempo escolhendo para o governo de cada uma delas vassallos seus de sangue e merecimento, em que cabia esta confiança, os quais edificarão suas povoações ao longo da costa nos lugares mais convenientes e acomodados que lhes pareceu para a vivenda dos moradores. Todas estão já mui povoadas de

gente, e nas partes mais importantes guarnecidas de muita e mui grossa artilharia que as defende e as segura dos inimigos assim da parte do mar como da terra. Junto delas havia muitos Índios quando os Portugueses começaram de as povoar: mas porque os mesmos índios se levantavam contra eles e lhes faziam muitas traições os Governadores e Capitães da terra destruíram-nos pouco a pouco, e matarão muitos deles: outros fugirão para o sertão e assim ficou a terra desocupada de gentio ao longo das Povoações. Algumas aldeais destes Índios ficarão todavia ao redor delas, que são de paz, e amigos dos Portugueses que habitam estas Capitánias. E para que todas no presente capítulo faça menção, não farei por ora mais que referir de caminho os nomes dos primeiros Capitães que as conquistarão e tratar precisamente das povoações, sítios e portos onde residem os Portugueses, nomeando cada uma delas em especial assim como vão do Norte para o Sul, na maneira seguinte.

A primeira e mais antiga se chama Tamaracá, a qual tomou este nome de uma ilha pequena, onde sua povoação está situada. Pero Lopes de Sousa foi o primeiro que a conquistou e livrou dos Franceses em cujo poder estava quando a foi povoar: esta ilha em que os moradores habitam divide da terra firme um braço de mar que a rodeia, onde tão bem se ajuntam alguns rios que vem do sertão. E assim ficam duas barras lançadas cada uma para sua banda, e a ilha em meio: per uma das quais entram navios grossos e de toda a sorte, e vão ancorar junto da povoação que está daí meia légua, pouco mais ou menos. Tão bem pela outra que fica da banda do Norte se servem algumas embarcações pequenas, a qual por causa de ser baixa não sofre outras maiores. Desta ilha para o Norte tem esta Capitania terras mui largas e viçosas, nas quais hoje em dia estiveram feitas grossas fazendas, e os moradores foram em muito mais crescimento, e florescerão tanto em prosperidade como em cada uma das outras si o mesmo Capitão Pero Lopes residira nela mais alguns anos e não a desampará no tempo que a começou de povoar.

A segunda Capitania que adiante se segue, se chama Paranãobuco: a qual conquistou Duarte Coelho, e edificou sua principal povoação em um alto á vista do mar, que está cinco léguas desta ilha de Tãoaracá em altura de oito grãos: chama-se Olinda, é uma das mais nobres e populosas vilas que ha nestas partes. Cinco léguas pela terra dentro está outra povoação chamada Igaroçú, que por outro nome se diz a Vila dos Cosmos. E além dos moradores que habitam estas Vilas ha outros muitos que pelos engenhos e fazendas estão espalhados, assim nesta como nas outras Capitánias de que a terra comarcã toda está povoada. Esta é uma das melhores terras, e que mais tem realçado os moradores que todas as outras Capitánias desta Província os quais foram sempre mui favorecidos e ajudados dos Índios da terra, de que alcançarão muitos infinitos escravos com que granjeiam suas fazendas. E a causa principal de ela ir sempre tanto avante no crescimento da gente foi por residir continuamente nela o mesmo Capitão que a conquistou, e ser mais freqüentada de navios desde Reino por estar mais perto dele que cada uma das outras que adiante se seguem.

Uma légua da povoação de Olinda para o Sul está um arrecife ou baixo de pedras, que é o Porto onde entram as embarcações. Tem a serventia pela praia e tão bem per um rio pequeno que passa por junto da mesma povoação. A terceira Capitania que adiante se segue, é da Bahia de Todos os Santos, terra de El Rey nosso Senhor: na qual residem o Governador, e Bispo, e Ouvidor geral de toda a costa. O primeiro Capitão que a Conquistou, e que a começou de povoar, foi Francisco Pereira Coutinho: ao qual desbaratarão os Índios com a força de muita guerra que lhe fizeram a cujo ímpeto não pode resistir, pela multidão dos inimigos

que então se conjurarão por todas aquelas partes contra os Portugueses. Depois disto tornou a ser restituída, e outra vez povoada por Thomé de Sousa o primeiro governador geral que foi a estas partes. E daqui por diante foram sempre os moradores multiplicando com muito acrescentamento de suas fazendas.

E assim uma das Capitánias que agora está mais povoada de Portugueses de quantas ha nesta Província, é esta da Bahia de Todos os Santos. Tem três povoações mui nobres e de muitos vizinhos, as quais estão distantes das de Paranãobuco cem léguas, em altura de treze grãos.

A principal onde residem os do governo da terra e a mais da gente nobre, é a cidade do Salvador. Outra está junto da barra, a qual chamam Vila Velha, que foi a primeira povoação que ouve nesta Capitania. Depois Thomé de Sousa sendo Governador edificou a Cidade do Salvador mais adiante meia légua por ser julgar mais decente e proveitoso para os moradores da terra. Quatro léguas pela terra dentro está outra que se chama Paripe que tão bem tem jurisdição sobre si como cada uma das outras. Todas estas Povoações estão situadas ao longo de uma baia mui grande e fermosa, onde podem entrar seguramente quaisquer nãos por grandes que sejam: a qual é três léguas de largo, e navega-se quinze por ela dentro. Tem dentro em si muitas ilhas de terras mui singulares. Divide-se em muitas partes, e tem muitos braços e enseadas por onde os moradores se servem em barcos para suas fazendas.

A quarta Capitania que é a dos Ilhéus se deu a Jorge de Figueiredo Correa, Fidalgo da Casa de El Rey nosso Senhor: e por seu mandado a foi povoar um João D'almeida, o qual edificou sua povoação trinta léguas da Bahia de Todos os Santos em altura de quatorze grãos e dous terços. Esta povoação é uma Vila mui fermosa, e de muitos vizinhos, a qual está em cima de uma ladeira á vista do mar, situada ao longo de um rio onde entram os navios. Este rio tão bem se divide pela terra dentro em muitas partes, junto do qual tem os moradores da terra toda a granjeira de suas fazendas: para as quais se servem por ele em barcos e almadias como os da Bahia de Todos os Santos.

A quinta Capitania a que chamam Porto Seguro conquistou Pero do Campo Tourinho: tem duas povoações que estão distantes das dos Ilhéus trinta léguas em altura de dezesseis grãos e meio: entre as quais se mete um rio que faz um arrecife na boca como enseada, onde os navios entram. A principal povoação está situada em dous lugares, convém a saber parte dela em um teso soberbo que fica sobre o rolo do mar da banda do Norte, e parte em uma várzea que fica pegada com o rio. A outra povoação a que chamam Santo Amaro está uma légua deste rio para o Sul. Duas léguas deste mesmo arrecife, para o Norte está outra que é o porto, onde entrou a frota quando esta Província se descobriu. E porque então lhe foi posto este nome de Porto Seguro, como atras deixou declarado, ficou daí a Capitania com o mesmo nome: e por isso se diz Porto Seguro.

A sexta Capitania é a do Espirito Santo, a qual conquistou Vasco Fernandes Coutinho. Sua povoação está situada em uma Ilha pequena, que fica distante das povoações de Porto Seguro sessenta léguas em altura de vinte grãos. Esta ilha jáz dentro de um rio mui grande, de cuja barra dista uma légua pelo sertão dentro: no qual se mata infinito peixe e pelo conseguinte na terra infinita caça, de que os moradores continuamente são mui abastados. E assim é esta a mais fértil Capitania e melhor provida de todos os mantimentos da terra que outra alguma que haja na costa .

A sétima Capitania é a do Rio de Janeiro: a qual conquistou Men de Sà, e á força d'armas, oferecido a mui perigosos combates a livrou dos Franceses que a

ocupavam, sendo Governador geral destas partes. Tem uma povoação, a que chamam São Sebastião, Cidade mui nobre e povoada de muitos vizinhos, a qual está distante da do Espírito Santo setenta e cinco léguas em altura de vinte e três grãos. Esta povoação está junto da barra, edificada ao longo de um braço de mar: o qual entra sete léguas pela terra dentro, e tem cinco de travessa na parte mais larga, e na boca onde é mais estreito haverá um terço de légua. No meio desta barra está uma Légua que tem cinquenta e seis braças de comprido, e vinte e seis de largo: na qual se pode fazer uma fortaleza para defesa da terra, se cumprir. Esta é uma das mais seguras e melhores barras que ha nestas partes, pela qual podem quaisquer nãos entrar e sair a todo o tempo sem temor de nenhum perigo. E assim as terras que ha nesta Capitania, tão bem são as melhores e mais aparelhadas para enriquecerem os moradores de todas quantas ha nesta Província: e os que la forem viver com esta esperança, não creio que se acharão enganados.

A ultima Capitania é a de São Vicente, a qual conquistou Martim Afonso de Sousa: tem quatro povoações. Duas delas estão situadas em uma ilha que divide um braço de mar da terra firme à maneira de rio. Estão estas povoações distantes do Rio de Janeiro, quarenta e cinco léguas em altura de vinte quatro grãos. Esse braço de mar que cerca esta ilha tem duas barras cada uma para sua parte. Uma delas é baixa e não muito grande, por onde não podem entrar se não embarcações pequenas, ao longo da qual está edificada a mais antiga povoação de todas a que chamam São Vicente. Uma légua e meia de outra barra (que é a principal por onde entram os navios grossos e embarcações de toda a maneira que vem a esta Capitania) está a outra povoação, chamada Santos, onde por respeito destas escalas, reside o Capitão ou o seu Logo tenente com os oficiais do Conselho e governo da terra. Cinco léguas para o Sul ha outra povoação a que chamam Hitanhaem. Outra está doze léguas pela terra dentro chamada São Paulo, que edificaram os Padres da Companhia, onde ha muitos vizinhos, e a maior parte deles são nascidos das Índias naturais da terra, e filhos de Portugueses. Tão bem está outra ilha a par desta da banda do Norte, a qual divide da terra firme outro braço de mar, que se vem ajuntar com este: em cuja barra estão feitas duas fortalezas, cada uma de sua banda que defendem esta Capitania dos Índios e Corsários do mar com artilharia, de que estão mui bem apercebidas. Por esta barra se serviam antigamente, que é o lugar por onde costumavam os inimigos de fazer muito dano aos moradores. Outras muitas povoações ha por todas estas Capitancias alem destas de que tratei, onde residem muitos Portugueses, das quais não quis fazer menção por não ser meu intento dar notícia se não daquelas mais assinaladas que são as que tem oficiais de justiça e jurisdição sobre si como qualquer Vila ou Cidade destes Reinos.

CAPÍTULO IV

Da Governança que os moradores destas Capitancias tem nestas partes e a maneira de como se hão em seu modo de viver.

Depois que esta Província Santa Cruz se começou de povoar de Portugueses, sempre esteve instituída em uma governança na qual assistia Governador Geral por El Rey nosso Senhor com alçada sobre os outros Capitães que residem em cada Capitania. Mas porque de umas a outras ha muita distância e a gente vai em muito crescimento, repartiu-se agora em duas governações, convém

a saber da Capitania de Porto Seguro para o Norte fica uma, e da do Espírito Santo para o Sul fica outra: e em cada uma delas assumiste seu Governador com a mesma alçada. O da banda do Norte reside na Bahia de Todos os Santos, e o da banda do Sul no Rio de Janeiro. E assim fica cada um em meio de suas jurisdições, para desta maneira poderem os moradores da terra ser melhor governados e á custa de menos trabalho.

E vindo ao que toca ao governo de vida e sustentação destes moradores, quanto ás casas em que vivem cada vez se vão fazendo mais custosas e de melhores edificios: porque em principio não havia outras na terra se não de taipa e térreas, cobertas somente com palma. E agora ha já muitas sobradadas e de pedra e cal, telhadas e forradas como as deste Reino, das quais ha ruas mui compridas, e formosas nas mais das povoações de que fiz menção. E assim antes de muito tempo (segundo a gente vai crescendo) se espera que haja outros muitos edificios e templos mui sumptuosos com que de todo se acabe nesta parte a terra de enobrecer.

Os mais dos moradores que por estas Capitancias estão espalhados, ou quase todos, tem suas terras de sesmaria dadas e repartidas pelos Capitães e Governadores da terra. E a primeira cousa que pretendem adquirir, são escravos para nelas lhes fazerem suas fazendas e si uma pessoa cega na terra a alcançar dous pares, ou meia dúzia deles (ainda que outra cousa não tenha de seu) logo tem remédio para poder honradamente sustentar sua família: porque um lhe pesca e outro lhe caça, os outros lhe cultivam e granjeiam suas roças e desta maneira não fazem os homens despesa em mantimentos com seus escravos, nem com suas pessoas. Pois daqui se pode inferir quanto mais serão acrescentadas as fazendas daqueles que tiverem duzentos, trezentos escravos, como ha muitos moradores na terra que não tem menos desta quantia, e daí para cima.

Estes moradores todos pela maior parte se tratam muito bem, e folgam de ajudar uns aos outros com seus escravos, e favorecem muito os pobres que começam a viver na terra. Isto geralmente se costuma nestas partes, e fazem outras muitas obras pias, por onde todos tem remédio de vida, e nenhum pobre anda pelas portas a mendigar como nestes Reinos.

CAPÍTULO V

Das plantas, mantimentos e frutas que há nesta Província.

São tantas e tão diversas as plantas, frutas, e ervas que ha nesta Província, de que se podiam notar muitas particularidades, que seria cousa infinita escreve-las aqui todas, e dar noticia dos efeitos de cada uma meudamente. E por isso nem farei agora menção se não de algumas em particular, principalmente daquelas de cuja virtude e fruto Participam os Portugueses.

Primeiramente tratarei da planta e raiz de que os moradores fazem seus mantimentos que la comem em lugar de pão. A raiz se chama mandioca, e a planta de que se gera é de altura de um homem pouco mais ou menos. Esta planta não é muito grossa, e tem muitos nós: quando a querem plantar em alguma roça cortam-na e fazem-na em pedaços, os quais metem debaixo da terra, depois de cultivada, como estacas, e daí tornam arrebentar outras plantas de novo: e cada estaca destas cria três ou quatro raízes e daí para cima (segundo a virtude da terra em que se

planta) as quais põem nove ou dez meses em se criar: salvo em São Vicente que põem três anos por causa da terra ser mais fria.

Estas raízes a cabo deste tempo se fazem mui grandes á maneira de Inhames de S. Thomé, ainda que as mais delas são compridas e revoltas de feição de corno de boi. E depois de criadas desta maneira si logo as não querem arrancar para comer, cortam-lhe a planta pelo pé, e assim estão estas raízes cinco, seis meses debaixo da terra em sua perfeição sem se danarem: e em São Vicente se conservam vinte, e trinta anos da mesma maneira. E tanto que as arrancão põem-na a curtir em água três quatro dias, e depois de curtidas, pisam-nas muito bem. Feito isto metem aquela massa em umas mangas compridas e estreitas que fazem de umas vergas delgadas, tecidas á maneira de cesto: e ali a espremem daquele sumo da maneira que não fique dele nenhuma cousa por esgotar: porque é tão peçonhento e em tanto extremo venenoso, que si uma pessoa ou qualquer outro animal o beber, logo naquele instante morrerá. E depois de assim a terem curada desta maneira põem um alguidar sobre o fogo em que a lançam, a qual está mexendo uma Índia até que o mesmo fogo lhe acabe de gastar aquela umidade e fique enxuta e disposta para se poder comer que será por espaço de meia hora pouco mais ou menos.

Este é o mantimento a que chamam farinha de pão, com que os moradores e gentio desta Província se mantém. Ha todavia farinha de duas maneiras: uma se chama de guerra e outra fresca. A de guerra se faz desta mesma raiz, e depois de feita fica muito seca e torrada de maneira que dura mais de um ano sem se danar. A fresca é mais mimosa e de melhor gosto: mas não dura mais que dous ou três dias, e como passa deles, logo se corrompe. Desta mesma mandioca, fazem outra maneira de mantimentos que se chamam beijús, os quais são de feição de obreias, mas mais grossos e alvos, e alguns deles estendidos da feição de filhós. Destes usam muito os moradores da terra, principalmente os da Bahia de Todos os Santos, porque são mais saborosos e de melhor desistam que a farinha.

Tão bem ha outra casta de mandioca que tem diferente propriedade desta, a que por outro nome chamam aipim, da qual fazem uns bolos em algumas Capitánias que parecem no sabor que excedem a pão fresco deste Reino. O sumo desta raiz não é peçonhento como o que sai da outra, nem faz mal a nenhuma cousa ainda que se beba. Tão bem se come a mesma raiz assada como batata ou inhame: porque de toda maneira se acha nela muito gosto. Além deste mantimento, ha na terra muito milho saburro de que se faz pão muito alvo, e muito arroz, e muitas favas de diferentes castas, e outros muitos legumes que abastam muito a terra.

Uma planta se da também nesta Província, que foi da ilha de São Thomé, com a fruta da qual se ajudam muitas pessoas a sustentar na terra. Esta planta é mui tenra e não muito alta, não tem ramos senão umas folhas que serão seis ou sete palmos de comprido. A fruta dela se chama bananas. Parecem-se na feição com pepinos, e criam-se em cachos: alguns deles ha tão grandes que tem de cento e cinquenta bananas para cima, e muitas vezes é tamanho o peso dela que acontece quebrar a planta pelo meio. Como são de vez colhem estes cachos, e dali a alguns dias amadurecem. Depois de colhidos cortam esta planta porque não frutifica mais que a primeira vez: mas tornam logo a nascer dela uns filhos que brotam do mesmo pé, de se fazem outros semelhantes. Esta fruta é mui saborosa, e das boas, que ha na terra: tem uma pele como de figo (ainda que mais dura) a qual lhe lançam fora quando a querem comer: mas faz dano á saúde e causa febre a quem se desmanda nela. Umas arvores ha tão bem nestas partes mui altas a que chamam Zabucáes: nas quais se criam uns vasos tamanhos como grandes cocos, quase da feição de

jarras da Índia. Estes vasos são mui duros em grão maneira, e estão cheios de umas castanhas muito doces, e saborosas em extremo: e tem as bocas para baixo cobertas com umas sapadoiras que parece realmente não serem assim criadas da natureza, senão feitas por artificio de industria humana. E tanto que as tais castanhas são maduras Caim estas sapadoiras e dali começam as mesmas castanhas tão bem a cair pouco a pouco, até não ficar nenhuma dentro dos vasos.

Outra fruta ha nesta terra muito melhor, e mais prezada dos moradores de todas, que se cria em uma planta humilde junto do chão: a qual planta tem umas pencas como de erva babosa. A esta fruta chamam Ananases, e nascem como alcachofras, os quais parecem naturalmente pinhas, e são do mesmo tamanho, e alguns maiores. Depois que são maduros, tem um céiro mui suave e comem-se aparados feitos em talhadas. São tão saborosos, que a juízo de todos não ha fruta neste Reino que no gosto lhes faça vantagem, e assim fazem os moradores por eles mais, e os tem em maior estima que outro nenhum pomo que haja na terra.

Ha outra fruta que nasce pelo mato em umas arvores tamanhas como pereiras, ou macieiras: a qual é de feição de peros repinaldos, e muito amarela. A esta fruta chamam cajús: tem muito sumo, e come-se pela calma para refrescar, porque é ela de sua natureza muito fria, e de maravilha faz mal, ainda que se desmandem nela. Na ponta de cada pomo destes se cria um caroço tamanho como castanha, da feição de fava: o qual nasce primeiro, e vem diante da mesma fruta como flor; a casca dele é muito amargosa em extremo, e o miolo assado é muito quente de sua propriedade e mais gostoso que a amêndoa.

Outras muitas frutas ha nesta Província de diversas qualidades comuns a todos, e são tantas que já se acharão pela terra dentro algumas pessoas as quais se sustentavam com elas muitos dias sem outro mantimento algum. Estas que aqui escrevo, são as que os Portugueses têm entre si em mais estima, e as melhores da terra.

Algumas deste Reino se dão tão bem nestas partes, convém a saber, muitos melões, pepinos, romãs e figos de muitas castas; muitas parreiras que dão uvas duas, três vezes no ano, e de toda outra fruta da terra ha sempre a mesma abundância por causa de não haver la (como digo) frios, que lhes façam nenhum prejuízo. De cidras, limões, e laranjas ha muita infinidade, porque se dão muito na terra estas arvores de espinho, e multiplicam mais que as outras.

Além das plantas que produzem de si estas frutas, e mantimentos que na terra se comem, ha outras de que os moradores fazem suas fazendas, convém a saber, muitas canas de açúcar, e algodoais, que é a principal fazenda que ha nestas partes, de que todos se ajudam e fazem muito proveito em cada uma destas Capitánias, especialmente na de Pernãobuco que são feitos perto de trinta engenhos, e na Bahia do Salvador quase outros tantos, donde se tira cada um ano grande quantidade de açucares, e se dá infinito algodão, e mais sem comparação que em nenhuma das outras. Tão bem ha muito pão brasil nestas Capitánias de que os mesmos moradores alcançam grande proveito: o qual pão se mostra claro ser produzido da quentura do Sol, e criado com a influencia de seus raios, porque não se acha se não debaixo da tórrida Zona, e assim quando mais perto está da linha Equinocial, tanto é mais fino e de melhor tinta; e esta é a causa porque o não ha na Capitania de São Vicente nem daí para o Sul.

Um certo gênero de arvores ha tão bem pelo mato dentro na Capitania de Pernãobuco a que chamam Copahibas de que se tira bálsamo mui salutifero e proveitoso em extremo, para enfermidades de muitas maneiras, principalmente as que procedem da frialdade: causa grandes efeitos, e tira todas as dores por graves

que sejam em muito breve espaço. Para feridas ou quaisquer outras chagas, tem a mesma virtude, as quais tanto que com ele lhe acodem, saram mui depressa, e tira os sinais de maneira, que de maravilha se enxerga onde estiveram e nisto faz vantagem a todas as outras medicinas. Este óleo não se acha todo o ano perfeitamente nestas arvores, nem procuram ir busca-lo senão no estio que é o tempo em que assinaladamente o criam. E quando querem tira-lo dão certos golpes ou furos no tronco delas pelos quais pouco a pouco estão estilando do âmago este licor precioso. Porém não se acha em todas estas arvores se não em algumas a que por este respeito dão o nome de fêmea, e as outras que carecem dele chamam machos, e nisto somente se conhece a diferença destes dous gêneros, que na proporção e semelhança não difere nada umas das outras. As mais delas se acham roçadas dos animais, que por instinto natural quando se sentem feridos ou mordidos de alguma fera as vão buscar para remédio de suas enfermidades.

Outras arvores diferentes destas ha na Capitania dos Ilhéus, e na do Espírito Santo a que chamam Caborahibas, de que tão bem se tira outro bálsamo: o qual sai da casca da mesma arvore, e cheira suavíssimamente. Tão bem aproveita para as mesmas enfermidades, e aqueles que o alcançam tem-no em grande estima e vendem-no por muito preço, porque além de as tais arvores serem poucas correm muito risco as pessoas que o vão buscar, por causa dos inimigos que andam sempre naquela parte emboscados pelo mato e não perdoam a quantos acham.

Tão bem ha uma certa arvore na Capitania de São Vicente, que se diz pela língua dos índios "Obirá paramaçaci", que quer dizer pão para enfermidades: com o leite da qual somente com três gotas, purga uma pessoa por baixo e por cima grandemente. E si tomar quantidade de uma casca de noz, morrerá sem nenhuma remissão. De outras plantas e ervas que não dão fruto nem se sabe o para que prestam, se podia escrever, de que aqui não faço menção, porque meu intento não foi se não dar noticia (como já disse) destas de cujo fruto se aproveitam os moradores da terra. Somente tratarei de uma mui notável, cuja qualidade sabida creio que em toda parte causará grande espanto. Chama-se erva viva, e tem alguma semelhança de silvão macho. Quando alguém lhe toca com as mãos, ou com qualquer outra cousa que seja, naquele momento se encolhe e murcha de maneira que parece criatura sensitiva que se anoja, e recebe escândalo com aquele tocamento. E depois que assossega, como cousa já esquecida deste agravo, torna logo pouco a pouco a estender-se até ficar outra vez tão robusta e verde como dantes. Esta planta deve ter alguma virtude mui grande, a nós encoberta, cujo efeito não será pela ventura de menos admiração. Porque sabemos de todas as ervas que Deus criou, ter cada uma particular virtude com que fizessem diversas operações naquelas cousas para cuja utilidade foram criadas e quanto mais esta a que a natureza nisto tanto quis assinalar dando-lhe um tão estranho ser e diferente de todas as outras.

CAPÍTULO VI

Dos animais e bichos venenosos que há nesta Província.

Como esta Província seja tão grande e a maior parte dela inabitada e cheia de altíssimos arvoredos, e espessos matos, não é d'espantar que haja nela muita diversidade de animais, e bichos mui feros e venenosos, pois cá entre nós, com ser terra já tão cultivada e possuída de tanta gente, ainda se criam em brenhas cobras

mui grandes de que se contam cousas mui notáveis, e outros bichos e animais mui danosos, esparzidos por charnecas e matos, a que os homens com serem tantos e matarem sempre neles, não podem acabar de dar fim, como sabemos. Quanto mais nesta Província, onde os climas e qualidades dos ares terrestres, não são menos dispostos para os gerarem, do que a terra em si, pelos muitos matos que digo, acomodada para os criar.

Porem de quanta imundícia e variedade de animais por ela espalhou a natureza, não havia lá nenhuns domésticos, quando começaram os Portugueses de a povoar. Mas depois que a terra foi deles conhecida, e vieram a entender o proveito da criação que nesta parte podiam alcançar, começaram-lhe a levar da ilha do Cabo Verde cavalos e éguas, de que agora ha já grande criação em todas as Capitánias desta Província. E assim ha tão bem grande copia de gado que da mesma ilha foi levado a estas partes, principalmente do vacum ha muita abundância, o qual pelos pastos serem muitos, vai sempre em grande crescimento. Os outros animais que na terra se acharão todos são bravos de natureza, e alguns estranhos nunca vistos em outras partes: dos quais darei aqui logo noticia começando primeiramente por aqueles que na terra se comem, de cuja carne os moradores são mui abastados em todas as Capitánias.

Ha muitos veados e muita soma de porcos de diversas castas, convém a saber, ha monteses como os desta terra: e outros mais pequenos que tem o umbigo nas costas de que se mata na terra grande quantidade; e outros que comem e criam em terra, e andam debaixo d'água o tempo que querem: aos quais, como corram pouco por causa de terem os pés compridos e as mãos curtas, proveio a natureza de maneira que podessem conservar a vida debaixo da mesma água, aonde logo se lançam de mergulho, tanto que vem gente, ou qualquer outra cousa de que se temam, e assim a carne destes como a dos outros é muito saborosa e tão sadia que se manda dar aos enfermos, porque para qualquer doença é proveitosa e não faz mal a nenhuma pessoa.

Tão bem ha uns animais na terra a que chamam Antas, que são de feição de mulas, mas não tão grandes, e tem o focinho mais delgado, e um beiço comprido á maneira de tromba. As orelhas são redondas e o rabo não muito comprido: e são cinzentas pelo corpo, e brancas pela barriga. Estas Antas não saem a pacer se não de noite, e tanto que amanhece metem-se em alguns brejos, ou na parte mais secreta que acham e ali estão o dia todo escondidas como aves noturnas a que a luz do dia é odiosa, até que anoitecendo, tornam outra vez a sair e a pacer por onde querem como é seu costume. A carne destes animais tem o sabor como da vaca, da qual parece que se não diferencia cousa alguma.

Outros animais ha a que chamam Cotias, que são do tamanho de lebres; e quase tem a mesma semelhança, e sabor. Estas cotias são ruivas, e tem as orelhas pequenas, e o rabo tão curto que quais se não enxerga. Ha tão bem outros maiores a que chamam Pacas, que tem o focinho redondo, e quase da feição do gato, e o rabo como o da Cotia. São pardas, e malhadas de pintas brancas por todo o corpo. Quando querem guisai-las para comer, pelam-nas como leitão, e não nas esfolam, porque tem um couro mui tenro e saboroso, e a carne tão bem é muito gostosa e das melhores que ha na terra.

Outros ha tão bem nestas partes muito para notar, e mais fora da comum semelhança dos outros animais, (a meu juízo) que quantos até agora se tem visto. Chamam-lhe Tatus, e são quase tamanhos como Leitões: tem um casco como de Cágado, o qual é repartido em muitas juntas como laminas, e proporcionados de maneira, que parece totalmente um cavalo armado. Tem um rabo comprido todo

coberto do mesmo casco: o focinho é como de leitão, ainda que mais delgado algum tanto, e não bota mais fora do casco que a cabeça. Tem as pernas baixas, e criam-se em covas como coelhos. A carne destes animais é a melhor, e a mais estimada que ha nesta terra, e tem o sabor quase como de galinha.

Há tão bem coelhos como os de cá da nossa Pátria de cujo parecer não diferem cousa alguma.

Finalmente que desta e de toda a mais caça de que acima tratei participam (como digo) todos os moradores, e mata-se muita dela á custa de pouco trabalho em toda parte querem: porque não ha lá impedimento de coutadas, como nestes Reinos, e um só Índio basta, se é bom caçador, a sustentar uma casa de carne no mato, ao qual não escapa um dia por outro que não mate porco ou veado, ou qualquer outro animal destes de que fiz menção.

Outros animais ha nesta Província mui feros e prejudiciais a toda esta caça, e ao gado dos moradores: aos quais chamam Tigres, ainda que na terra a mais da gente os nomeia Onças: mas algumas pessoas que os conhecem e os virão em outras partes, afirmam que são Tigres. Estes animais parecem-se naturalmente com gatos, e não diferem deles em outra cousa; salvo na grandeza do corpo porque alguns são tamanhos como bezerras e outros mais pequenos. Tem o cabelo dividido em varias e distintas cores, convém a saber, em pintas brancas, pardas e pretas. Como se acham famintos entram nos currais do gado e matam muitas vitelas, e novilhos que vão comer ao mato, e o mesmo fazem a todo o animal que podem alcançar. E pelo conseguinte quando se vem perseguidos da fome, tão bem cometem aos homens, e nesta parte são tão ousados, que já aconteceu trepar-se um Índio a uma arvore por se livrar de um destes animais que o ia seguindo, e pôr-se o mesmo Tigre ao pé da arvore, não bastando a espanta-lo alguma gente que acudiu da povoação aos gritos do Índio, antes a todos os medos se deixou estar muito seguro guardando sua preza até que sendo noite se tornaram outra vez sem ousarem de lhe fazer nenhuma ofensa, dizendo ao Índio que se deixasse estar, que ele se enfadaria de o esperar, e quando veio pela manhã (ou porque o Índio se quis descer parecendo-lhe que o Tigre era já ido, ou por acertar de cair per algum desastre, (ou pela via que fosse) não se achou ai mais dele que os ossos. Porem pelo contrario, quando estão fartos são mui cobardes, e tão pusilânimes que qualquer cão que remete a eles, basta a faze-los fugir: algumas vezes acossados do medo se trepam a uma arvore e ali se deixam matar ás frechadas sem nenhuma resistência. Enfim que a fartura supérflua, não somente apaga a prudência, a fortaleza do animo, e a viveza do engenho ao homem, mais ainda aos brutos animais inabilita e faz incapazes de usarem de suas forças naturais posto que tenham necessidade de as exercitarem para defensão de sua vida.

Outro gênero de animais ha na terra, a que chamam Cerigoês, que são pardos e quase tamanhos como raposas: os quais tem uma abertura na barriga ao comprido, de maneira que de cada banda lhes fica um bolço onde trazem os filhos metidos. E cada filho tem sua teta pegada na boca, da qual a não tirão nunca até que se acabam de criar. Destes animais se afirma que não concebem nem geram os filhos dentro da barriga senão em aqueles bolsos, porque nunca de quantos se tomarão se achou algum prenhe. E alem disto ha outras conjeturas mui prováveis por onde se tem por impossível parirem os tais filhos como todos os outros animais (segundo a ordem da natureza) parem os seus. Um certo animal se acha tão bem nestas partes, a que chamam Preguiça (que é pouco mais ou menos do tamanho destes) o qual tem um rosto feio, e umas unhas muito compridas quase como dedos. Tem uma gadelha grande no toitiço que lhe cobre o pescoço, e anda sempre com a

barriga lançada pelo chão sem nunca se levantar em pé como os outros animais; e assim se move com passos tão vagarosos que ainda que ande quinze dias aturados, não vencerá distancia de um tiro de pedra. O seu mantimento é folhas de arvores e em cima delas anda o mais do tempo, aonde ha pelo menos mister dous dias para subir e dous para descer. E posto que o matem com pancadas nem que o persigam outros animais, não se meneia uma hora mais que outra.

Outro gênero de animais ha na terra, a que chamam Tamanduás que serão tamanhos como carneiros, os quais são pardos e tem um focinho muito comprido e delgado para baixo; a boca não tem rasgada como a dos outros animais, e é tão pequena, que escassamente caberão por ela dous dedos: tem uma língua muito estreita e quase de três palmos em cumprimento. As fêmeas tem duas tetas no peito como de mulher, e o ubre lançado em cima do pescoço entre as pás, donde lhes desce o leite ás mesmas tetas com que criam os filhos. E assim tem mais cada um deles duas unhas em cada mão, tão compridas como grandes dedos, largas á maneira de escouparo. Tão bem pelo conseguinte tem um rabo mui cheio de sedas, e quase tão compridas com as de um cavalo. Todos estes extremos que se acham nestes animais, são necessários para conservação de sua vida, porque não comem outra cousa se não formigas. E como isto assim seja vão-se com aquelas unhas arranhar nos formigueiros onde as ha, e tanto que as tem agravadas lançam a língua fora e põem-na ali naquela parte onde arranharão, a qual como se enche delas recolhem para dentro da boca, e tantas vezes fazem isto, até que se acabam de fartar. E quando se querem agasalhar ou esconder de alguma cousa, levantam aquele rabo e lançam-no por cima de si, debaixo de cujas sedas ficam todos cobertos sem se enxergar deles cousa alguma.

Bogios ha na terra muitos e de muitas castas como já se sabe: e por serem tão conhecidos em toda a parte não particularizei aqui suas propriedades tanto por extenso. Somente tratarei em breves palavras alguma cousa destes de que particularmente entre os outros se pode fazer menção.

Ha uns ruivos, não muito grandes que derramam de si um cheiro mui suave a toda a pessoa que a eles se chega, e se os tratam com as mãos, ou se acertam de suar, ficam muito mais odoríferos e lançam o cheiro a todos os circunstantes: destes ha mui poucos na terra, e não se acham se não pelo sertão dentro muito longe.

Outros ha pretos maiores que estes, que tem barba como homem, os quais são tão atrevidos, que muitas vezes acontece frecharem os Índios alguns, e eles tirarem as frechas do corpo com suas próprias mãos, e tornarem a arremessa-las a quem lhes atirou. Estes são mui bravos de natureza, e mais esquivos de todos quanto ha nestas partes.

Ha tão bem uns pequeninos pela costa, de duas castas pouco maiores que doninhas, a que comumente chamam Sagois, convém a saber, ha uns louros, e outros pardos: os louros tem um cabelo muito fino, e na semelhança do vulto e feição do corpo quase se querem parecer com leão: são muito ferozes e não os ha se não no Rio de Janeiro. Os pardos se acham daí para o Norte em todas as mais Capitánias. Tão bem são muito aprazíveis, mas não tão alegres, á vista como estes. E assim uns como outros são tão mimosos e delicados de sua natureza, que como os tiram da pátria e os embarcam para este Reino tanto que chegam a outros ares mais frios quase todos morrem no mar, e não escapa se não algum de grande maravilha.

Ha tão bem pelo mato dentro cobras mui grandes e de muitas castas a que os Índios dão diversos nomes, conforme as suas propriedades. Umas ha na terra tão disformes de grandes, que engolem um veado, ou qualquer outro animal semelhante

todo inteiro. E isto não é muito para espantar, pois vemos que nesta nossa pátria, ha hoje em dia cobras bem pequenas, que engolem uma lebre ou coelho da mesma maneira tendo um colo que á vista parece pouco mais grosso que um dedo: e quando vem a engolir estes animais alarga-se, e dá de si de maneira, que passam por ele inteiros, e assim os estão sorvendo até os acabarem de meter no bucho, como entre nós é notório. Quanto mais estoutras de que trato, que por razão de sua grandeza fica parecendo a quem nas viu menos dificultoso engolirem qualquer animal da terra por grande que seja. Outras ha doutra casta diferente não tão grandes como estas: mas mais venenosas: as quais têm na ponta do rabo uma cousa que soa quase como cascavel, e por onde quer que vão sempre andam rugindo e os que as ouvem têm cuidado de se guardarem delas.

Além destas ha outras muitas na terra, doutras castas diversas, que aqui não refiro por escusar prolixidade, as quais pela maior parte são tão nocivas e peçonhentas, (especialmente umas a que chamam jararacas) que se acertam de morder alguma pessoa de maravilha escapa, e o mais que dura são vinte e quatro horas.

Tão bem ha Lagartos mui grandes pelas lagoas e rios de água doce, cujos testículos cheiram melhor que almisquere; e a qualquer roupa que os chegam, fica o céiro pegado por muitos dias.

Outros muitos animais e bichos venenosos ha nesta Província, de que não trato, os quais são tantos em tanta abundância, que seria historia mui comprida nomea-los aqui todos, e tratar particularmente da natureza de cada um, havendo, como digo, infinidade deles nestas partes, aonde pela disposição da terra, e dos climas que a senhoreiam, não pode deixar de os haver. Porque como os ventos que procedem da mesma terra se tornem inficionados das podridões das ervas, matos e alagadiços geram-se com a influencia do Sol que nisto concorre, muitos e mui peçonhentos, que per toda a terra estão esparzidos, e a esta causa se criam e acham nas partes marítimas, e pelo sertão dentro infinitos da maneira que digo.

CAPÍTULO VII

Das aves que há nesta Província.

Entre todas as cousas de que na presente historia se pode fazer menção, a que mais aprazível e fermosa se oferece á vista humana é a grande variedade das finas e alegres cores das muitas aves que nesta Província se criam, as quais por serem tão diversas em tanta quantidade, não tratarei senão somente daquelas de que se pode notar alguma cousa e que na terra mais estimadas dos Portugueses e Índios que habitam estas partes.

Ha nesta Província muitas aves de rapina mui fermosas e de varias castas, convém a saber, Águias, Açores, e Gaviões, e outras doutros gêneros diversos, e cores diferentes, que tão bem têm a mesma propriedade. As Águias são mui grandes e forçosas, e assim remetem com tanta fúria a qualquer ave, ou animal que querem prear, que ás vezes acontece nestas virem algumas tão desatinadas seguindo a preza que marrão nas casas dos moradores, ali caem á vista da gente sem mais se poderem levantar. Os Índios da terra as costumam tomar em seus ninhos quando são pequenas e criam-nas em umas sorças para depois de grandes se aproveitarem das penas em suas galanterias acostumadas.

Os Açores são como os de cá, ainda que ha um certo gênero deles que têm os pés todos velozes, e tão cobertos de pena que escassamente se lhes enxergam as unhas. Estes são muito ligeiros e de maravilha lhes escapa ave, ou qualquer outra caça a que remetam. Os Gaviões tão bem são mui destros e forçosos: especialmente uns pequenos como esmerilões, em sua quantidade o são tanto, que remetem a uma perdiz, e a levam nas unhas para onde querem, e juntamente são tão atrevidos, que muitas vezes acontece de ferirem a qualquer ave e apanha-la dentre a gente sem se quererem retirar nem larga-la por muito que os espantem.

As outras aves que na terra se comem, e de que os moradores se aproveitam são as seguintes:

Há um certo gênero delas, a que chamam Macucocagoàs, que são pretas, e maiores que galinhas: as quais têm três ordens de titelas, são mui gordas e tenras, e assim os moradores as têm em muita estima: porque são elas muito saborosas, e mais que outras algumas que entre nós se comam.

Tão bem ha outras quase tamanhas como estas, a que chamam Jacus e nós lhe chamamos galinhas do mato. São pardas e pretas, e tem um circulo branco na cabeça e o pescoço vermelho. Matam-se na terra muitas delas e pelo conseguinte são mui saborosas, e das melhores que ha no mato.

Ha tão bem na terra muitas perdizes, pombas e rolas como as deste Reino, e muitos patos e adens bravas pelas léguas e rios desta costa, e outras muitas aves de diferentes castas que não são menos saborosas e sadias que as melhores que cá entre nós se comem, e tem mais estima.

Papagaios ha nestas partes muitos de diversas castas e mui formosos, como cá se vêem alguns por experiência. Os melhores de todos, e que mais raramente se acham na terra, são uns grandes maiores que açores a que chamam Arapurus. Estes papagaios são variados de muitas cores, e criam-se muito longe pelo sertão dentro, e depois que os tomam, vêm a ser tão domésticos, que põem ovos em casa e acomodam-se mais à conversação da gente que outra qualquer ave que haja por mais domestica e mansa que seja. E por isso são tidos na terra em tanta estima que val cada um entre os Índios dous, três escravos. E assim os Portugueses que os alcançam os tem na mesma estima: porque são eles alem disso muito belos, e vestidos como digo de cores mui alegres e tão finas, que excedem na formosura a todas quantas aves ha nestas partes.

Ha outros quase do tamanho destes, a que chamam Canindés que são todos azuis: salvo nas azas que tem algumas penas amarelas. Tão bem são muito formosos, e estimados em grande preço de toda pessoa que os alcança.

Tão bem se acham outros do mesmo tamanho pelo sertão dentro a que chamam Araras os quais são vermelhos semeados de algumas penas amarelas, e tem as azas azuis, e um rabo muito comprido e formoso. Os outros mais pequenos, que mais facilmente falam e melhor de todos, são aqueles a que na terra comumente chamam papagaios verdadeiros: os quais trazem os Índios do sertão a vender aos Portugueses a troco de resgates. Estes são pouco mais ou menos do tamanho de pombas verdes claros, e tem a cabeça quase toda amarela, e os encontros das azas vermelhos.

Outro gênero deles ha pela costa entre os Portugueses do tamanho destes, a que chamam corícas: os quais são vestidos de uma pena verde escura, e tem a cabeça azul da cor de rosmaninho. Destes papagaios ha na terra mais quantidade do que cá entre nós ha de gralhas ou de estorninhos e não são tão estimados como os outros porque gazeiam muito, e alem disso falam dificultosamente, e á custa de muita industria. Mas quando vem a falar passam pelos outros e fazem-lhe nesta

parte muita vantagem, e por isso os Índios da terra costumam depenar alguns em quanto são novos e tingi-los com o sangue de umas certas rãs, com outras misturas que lhe ajuntam, e depois que se tornam a cobrir de pena ficam nem mais nem menos da cor dos verdadeiros: e assim acontece mui vezes enganarem com eles a algumas pessoas, vendendo-lhes por tais.

Ha tão bem uns pequeninos que vêm do sertão pouco maior que pardais, a que chamam Tuins aos quais vestiu a natureza de uma pena verde muito fina sem outra nenhuma mistura, e tem o bico e pernas brancas, e um rabo muito comprido. Estes tão bem falam, e são muito formosos e aprazíveis em extremo.

Outros ha pela costa tamanhos como melros, a que chamam Marcanãos, os quais tem a cabeça grande, e um bico muito grosso: tão bem são verdes e falam como cada um dos outros.

Algumas aves notáveis ha tão bem nestas partes, a fora estas que tenho referido, de que tão bem farei menção e em especial tratarei logo de umas marítimas a que chamam Guarás, as quais seriam pouco mais ou menos do tamanho de gaivotas. A primeira pena de que a natureza as veste, é branca sem nenhuma mistura mui fina em extremo. E por espaço de dous anos pouco mais ou menos a mudam, e torna-lhes a nascer outra parda tão bem muito fina sem outra nenhuma mistura; e pelo mesmo tempo adiante a tornam a mudar, e ficam vestidas de uma muito preto distinta de toda outra cor. Depois daí a certo tempo pelo conseguinte a mudam e tornam-se a cobrir doutra mui vermelha, e tanto, como o mais fino e puro carmesim que no mundo se pode ver e nesta acabam seus dias.

Um as certas aves se acham tão bem na Capitania de Pernambuco pela terra dentro maiores duas vezes que galos do Peru: as quais são pardas, e tem na cabeça acima do bico um esporão muito agudo como corno, variado de branco e pardo escuro, quase do comprimento de um palmo, e três semelhantes a este em cada aza, algum tanto mais pequenos, convém a saber uns nos encontros, outros nas juntas do meio, outros nas pontas das mesmas azas. Estas aves têm o bico como de águia, e os pés grossos e muito compridos. Nos joelhos tem uns calos tão bem como grandes punhos. Quando pelejam com outras aves viram-se de costas, e assim se ajudam de todas estas armas que a natureza lhes deu para sua defesa.

Outras aves ha tão bem nestas partes, cujo nome a todos cá é notório, as quais ainda que tenham mais officio de animais terrestres que de aves pela razão que logo direi, todavia por serem realmente aves de que se pode escrever, e terem a mesma semelhança, não deixarei de fazer menção delas como de cada uma das outras. Chamam-se Emas, as quais terão tanta carne como um grande carneiro e têm as pernas tão grandes que são quase até os encontros das azas da altura de um homem. O pescoço é mui comprido em extremo, e têm a cabeça nem mais nem menos como de pata: são pardas brancas e pretas, e variadas pelo corpo de umas penas mui fermosas que cá entre nós costumam servir nas gorras e chapéus de pessoas galantes, e que profissão a arte militar. Estas aves pascem eras como qualquer outro animal do campo e nunca se levantam da terra, nem voam como as outras, somente abrem as azas e com elas, vem ferindo o ar ao longo da mesma terra: e assim nunca andam, senão em campinas onde se acém desimpedidas de matos e arvoredos, para juntamente poderem correr e voar da maneira que digo.

Doutras infinitas aves que ha nestas partes, a que a natureza vestiu de muitas e mui finas cores, poderá tão bem aqui fazer menção, mas como meu intento principal não foi na presente historia senão ser breve e fugir de cousas em que podesse ser notado de prolixo dos poucos curiosos, (como já tenho dito), quis

somente particularizar estas mais notáveis e passar com silencio por todas as outras, de que se deve fazer menos caso.

CAPÍTULO VIII

De alguns peixes notáveis, baleias e âmbar que há nestas partes.

É tão grande a copia do saboroso e sadio pescado que se mata, assim no mar alto, como nos rios e baías desta Província de que geralmente os moradores são participantes em todas as Capitánias, que esta só fertilidade bastara a sustentá-los abundantissimamente, ainda que não houvera carnes nem outro gênero de caça na terra de que se proveram como atras fica declarado.

E deixando á parte a muita variedade daqueles peixes que comumente não diferem na semelhança dos de cá, tratarei logo em especial de um certo gênero deles que ha nestas partes, a que chamam peixes bois, os quais são tão grandes que os maiores pesam quarenta, cinqüenta arrobas. Têm o focinho como o de boi e dous cotos com que nadam á maneira de braços. As fêmeas têm duas tetas, com o leite das quais se criam os filhos. O rabo é largo, rombo, e não muito comprido: não têm feição alguma de nenhum peixe, somente na pele quer se parecer com toninha. Estes peixes pela maior parte se acham em alguns rios, ou baías desta costa, principalmente onde ha algum ribeiro, ou regato se mete na água salgada são mais certos: porque botão o focinho fora e pascem as ervas que se criam em semelhantes partes, e tão bem comem as folhas de umas arvores a que chamam Mangues, de que ha grande quantidade ao longo dos mesmos rios. Os moradores da terra os matam com arpões, e tão bem em pesqueiras costumam tomar alguns porque vem com a enchente da maré aos tais lugares, e com a vazante se tornam a ir para o mar donde vieram. Este peixe é muito gostoso em grande maneira, e totalmente parece carne, assim na semelhança, como no sabor, e assado não tem nenhuma diferença de lombo de porco. Tão bem se coze com couves e guisa-se como carne, e assim não ha pessoa que o coma que o julgue por peixe, salvo se o conhecer primeiro.

Outros peixes ha a que chamam Camboropins que são quase tamanhos como atuns. Estes têm umas escamas mui duras e maiores que os outros peixes; tão bem se matam com arpões, e quando querem pesca-los põem-se em alguma ponta ou pedra ou em outro qualquer posto acomodado a esta pescaria. E o que é bom pescador, para que não faça tiro em vão, quando os vêem vir deixa-os primeiro passar e espera até que fiquem a jeito que possa arpoa-los por detrás, de maneira que o arpam entre no peixe sem as escamas o impedirem, porque são, como digo, tão duras que se acerta a dar nelas de maravilha as pode penetrar. Este é um dos melhores peixes que ha nestas partes, porque alem de ser muito gostoso, é tão bem muito sadio, e mais enxuto de sua propriedade que outro algum que na terra se coma. Tão bem ha outra casta deles, a que chamam Tãooatás, que são pouco mais ou menos do tamanho de sardinhas, e não se criam senão em água doce. Estes peixes são todos cobertos de umas conchas distintas naturalmente como laminas, com as quais andam armados da maneira dos Tatus, de que atras fiz menção, e são muito saborosos, e os moradores da terra os têm em muita estima.

Ha tão bem um certo gênero de peixes pequeninos da feição de xarrosos, a que chamam Mayacús: os quais são mui peçonhentos por extremo, especialmente a pele o é tanto, que se uma pessoa gostar um só bocado dela, logo naquela mesma hora dará fim a sua vida, porque não ha nem se sabe nenhum remedio na terra que

possa apagar nem deter por algum espaço o ímpeto deste mortífero veneno. Alguns Índios da terra se aventuraram a come-los depois que lhe tiram a pele e lhe lançam fora por baixo toda aquela parte onde dizem que tem a força da peçonha. Mas sem embargo disso, não deixam de morrer algumas vezes. Estes peixes tanto que saem fora da água incham de maneira, que parecem uma bexiga cheia de vento; e alem de terem esta qualidade são tão mansos que os podem tomar ás mãos sem nenhum trabalho; e muitas vezes andam á borda da água tão quietos, que não os verá pessoa que se não convide a toma-los, e ainda a come-los se não tiver conhecimento deles.

Outros peixes não sinto nestas partes de que possa fazer aqui particular menção: em todos os demais, não ha como digo, muita diferença dos de cá, e a maior parte deles são da mesma casta, mas muito mais saborosos, e tão sadios que não se vedam nem fazem mal aos doentes, e para quaisquer enfermidades são muito leves, e de toda maneira que os comam não ofendem á saúde.

Não me pareceu tão bem cousa fora do propósito tratar aqui alguma cousa das baleias do âmbar, que dizem que procede delas. E o que acerca disto sei, que há muitas nestas partes, as quais costumam vir d'arribação a esta costa, em uns tempos mais que outros, que são aqueles em que assinaladamente sai o âmbar que o mar de si lança fora em diversas partes desta Província, e daqui vem a muitos terem para si que não é outra cousa este âmbar, senão esterco de baleias e assim lho chamam os Índios da terra pela sua língua, sem lhe saberem outro nome. Outros querem dizer que é sem nenhuma falta a esperma da mesma baleia. Mas o que se tem por certo (deixando estas e outras erradas opiniões aparte) é que nasce este licor no fundo do mar, não geralmente em todo, mas em algumas partes dele, que a natureza acha dispostas para o criar. E como o tal licor seja manjar das baleias, afirma-se que comem tanto dele até se embebedarem, e que estes que sai nas praias é o sobejo que elas arremessão.

E se isto assim não fora desta maneira e ele procedera das mesmas baleias por qualquer das outras vias que acima fica dito, crer é, que tão bem houvera da mesma maneira em qualquer outra costa destes Reinos, pois em toda parte do mar são gerais. Quanto mais que nesta Província de que trato se fez já experiência em muitas delas que saíram á costa e dentro das tripas de algumas acharam muito âmbar cuja virtude iam já digerindo, por haver algum espaço que o tinham comido. E noutras lê acharam no bucho outro ainda fresco, e em sua perfeição, que parecem que o acabaram de comer naquela hora antes que morressem. Pois o esterco naquela parte onde a natureza o despede não tem nenhuma semelhança de âmbar, nem se enxerga nele ser menos digesto que o dos outros animais. Por onde se mostra claro, que a primeira opinião não fica verdadeira, nem a segunda tão pouco o pode ser: porque a esperma destas baleias, é aquilo a que chamam balso, de que ha por esse mar grande quantidade, o qual dizem que aproveita para feridas e por tal é conhecido de toda pessoa que navega. Este âmbar todo quando logo sai vem solto como sabão, e quase sem nenhum cério, mas daí a poucos dias se endurece, e depois disso fica tão odorífero como todos sabemos.

Ha todavia âmbar de duas castas, s. um pardo, a que chamam gris, outro preto: o pardo é mui fino e estimado em grande preço em todas as partes do mundo: o preto é mais baixo nos quilates do cério, e presta para muito pouco segundo o que dele se tem alcançado: mas de um e doutro ha saído muito nesta Província e sai hoje em dia. de que alguns enriqueceram e enriquecem cada hora, como é notório.

Finalmente que como Deus tenha de muito longe esta terra dedicada á Cristandade e o interesse seja o que mais leva os homens trás si que outra

nenhuma cousa que haja na vida, parece manifesto querer interte-los na terra com esta riqueza do mar até cegarem a descobrir aquelas grandes minas que a mesma terra promete, para que assim desta maneira tragam ainda toda aquela cega e bárbara gente que habita nestas partes, ao lume e conhecimento da nossa Santa Fé Católica, que será descobrir-lhe outras maiores no céu, o qual nosso Senhor permita que assim seja para gloria sua e salvação de tantas almas.

CAPÍTULO IX

Do monstro marinho que se matou na Capitania de São Vicente, ano 1564.

Foi causa tão nova e tão desusada aos olhos humanos a semelhança daquele fero e espantoso monstro marinho que nesta Província se matou no ano de 1564, que ainda que per muitas partes do mundo se tenha noticia dele, não deixarei todavia de a dar aqui outra vez de novo, relatando por extenso tudo o que acerca disto passou; porque na verdade a maior parte dos retratos ou quase todos em que querem mostrar a semelhança de seu horrendo aspecto, andam errados, e alem disso, conta-se o sucesso de sua morte por diferentes maneiras, sendo a verdade uma só a qual é a seguinte:

Na Capitania de São Vicente sendo já alta noite a horas em que todos começavam de se entregar ao sono, acertou de sair fora de casa uma Índia escrava do capitão; a qual lançando os olhos a uma várzea que está pegada com o mar, e com a povoação da mesma Capitania, viu andar nela este monstro, movendo-se de uma parte para outra com passos e meneios desusados, e dando alguns urros de quando em quando tão feios, que como pasmada e quase fora de si se veio ao filho do mesmo capitão, cujo nome era Baltazar Ferreira, e lhe deu conta do que vira parecendo-lhe que era alguma visão diabólica; mas como ele fosse não menos sisudo que esforçado, e esta gente da terra seja digna de pouco credito não lho deu logo muito às suas palavras, e deixando-se estar na cama, a tornou outra vez a mandar fora dizendo-lhe que se afirmasse bem no que era. E obedecendo a Índia a seu mandado, foi; e tornou mais espantada; afirmando-lhe e repetindo-lhe uma vez e outra que andava ali uma cousa tão feia, que não podia ser se não o demônio.

Então se levantou ele muito depressa e lançou mão a uma espada que tinha junto de si com a qual botou somente em camisa pela porta fora, tendo para si (quando muito) que seria algum tigre ou outro animal da terra conhecido com a vista do qual se desenganasse do que a Índia lhe queria persuadir, e pondo os olhos naquela parte que ela lhe assinalou viu confusamente o vulto do monstro ao longo da praia, sem poder divisar o que era, por causa da noite lho impedir, e o monstro tão bem ser cousa não vista e fora do parecer de todos os outros animais. E cegando-se um pouco mais a ele, para que melhor se podesse ajudar da vista, foi sentido do mesmo monstro: o qual em levantando a cabeça, tanto que o viu começou de caminhar para o mar donde viera.

Nisto conheceu o mancebo que era aquilo cousa do mar e antes que nele se metesse, acudiu com muita presteza a tomar-lhe a dianteira, e vendo o monstro que ele lhe embargava o caminho, levantou-se direito para cima como um homem ficando sobre as barbatanas do rabo, e estando assim a par com ele, deu-lhe uma estocada pela barriga, e dando-lha no mesmo instante se desviou para uma parte com tanta velocidade, que não pôde o monstro leva-lo debaixo de si: porem não pouco afrontado, porque o grande torno de sangue que saiu da ferida lhe deu no

rosto com tanta força que quase ficou sem nenhuma vista: e tanto que o monstro se lançou em terra deixa o caminho que levava e assim ferido urrando com a boca aberta sem nenhum medo, remeteu a ele, e indo para o tragar a unhas, e a dentes, deu-lhe na cabeça uma cotilada mui grande, com a qual ficou já mui débil, e deixando sua vã porfia tornou então a caminhar outra vez para o mar. Neste tempo acudiram alguns escravos aos gritos da Índia que estava em vela: e cegando a ele, o tomaram todos já quase morto e dali o levaram á povoação onde esteve o dia seguinte á vista de toda a gente da terra.

E com este mancebo se haver mostrado neste caso tão animoso como se mostrou, e ser tido na terra por muito esforçado saiu todavia desta batalha tão sem alento e com a visão deste medonho animal ficou tão perturbado e suspenso, que perguntando-lhe o pai, que era o que lhe havia sucedido não lhe pôde responder, e assim como assombrado sem falar cousa alguma per um grande espaço. O retrato deste monstro, é este que no fim do presente capítulo se mostra, tirado pelo natural. Era quinze palmos de comprimento e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas mui grandes como bigodes.

Os Índios da terra lhe chamam em sua língua Hipupiàra que quer dizer demônio d'água. Alguns como este se viram já nestas partes, mas acham-se raramente. E assim tão bem deve de haver outros muitos monstros de diversos pareceres, que no abismo desse largo e espantoso mar se escondem, de não menos estranheza e admiração; e tudo se pode crer, por difícil que pareça: porque os segredos da natureza não foram revelados todos ao homem, para que com razão possa negar, e ter por impossível as cousas que não viu nem de que nunca teve noticia.

CAPÍTULO X

Do Gentil que há nesta Província, da condição e costumes dele, e de como se governam na paz.

Já que tratamos da terra e das cousas que nela foram criadas para o homem, razão parece que demos aqui noticia dos naturais dela: a qual posto que não seja de todos em geral será especialmente daqueles que habitam pela costa, e em partes pelo sertão dentro muitas léguas, com que temos comunicação. Os quais ainda que estejam divisos, e haja entre eles diversos nomes de nações, todavia na semelhança, condição, costumes, e ritos gentílicos, todos são uns; e se nalguma maneira diferem nesta parte, é tão pouco, que se não pode fazer caso disso, nem particularizar cousas semelhantes entre outras mais notáveis, que todos geralmente seguem, como logo adiante direi.

Estes Índios são de cor baça, e cabelo corredio; tem o rosto amassado, e algumas feições dele á maneira de Chins. Pela maior parte são bem dispostos, rijos e de boa estatura; gente mui esforçada, e que estima pouco morrer, temerária na guerra, e de muito pouco consideração: são desagradecidos em Grã maneira, e mui desumanos e cruéis, inclinados a pelejar, e vingativos por extremo. Vivem todos mui descansados sem terem outros pensamentos senão de comer, beber, e matar gente, e por isso engordam muito, mas com qualquer desgosto pelo conseqüente tornam a emagrecer, e muitas vezes pode deles tanto a imaginação que se algum deseja a morte, ou alguém lhe mete em cabeça que ha de morrer tal dia ou tal noite não passa daquele termo que não morra. São mui inconstantes e mudáveis: crêem de

ligeiro tudo aquilo que lhes persuadem por dificultoso e impossível que seja, e com qualquer dissuasão facilmente o tornam logo a negar. São mui desonestos e dados á sensualidade, e assim se entregam aos vícios como se neles não houvera razão de homens: ainda que todavia em seu ajuntamento os machos e fêmeas têm o devido resguardo, e nisto mostram ter alguma vergonha.

A língua de que usam, toda pela costa, é uma: ainda que em certos vocábulos difere nalgumas partes; mas não de maneira que se deixem uns aos outros de entender: e isto até altura de vinte e sete grãos, que daí por diante ha outra gentilidade, de que nós não temos tanta noticia, que falam já outra língua diferente. Esta de que trato, que é ageral pela costa, é mui branda, e a qualquer nação facil de tomar. Alguns vocábulos ha nela de que não usam senão as fêmeas, e outros que não servem senão para os machos: carece de três letras, convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem alem disto conta, nem peso, nem medido.

Não adoram a cousa alguma, nem têm para si que ha depois da morte gloria para os bons e pena para os mãos, e o que sentem da immortalidade d'alma não é mais que terem para si que seus defuntos andam na outra vida feridos, despedaçados, ou de qualquer maneira que acabaram nesta. E quando algum morre, costumam enterra-lo em uma cova assentado sobre os pés com sua rede às costa que em vida lhe servia de cama. E logo pelos primeiros dias põem-lhe seus parentes de comer em cima da cova e tão bem alguns lho costumam meter dentro quando o enterram, e totalmente cuidam que comem e dormem na rede que tem consigo na mesma cova.

Esta gente não tem entre si nenhum Rei, nem outro gênero de justiça, senão um principal em cada aldêa, que é como capitão, ao qual obedecem por vontade, e não por força. Quando este morre fica seu filho no mesmo lugar por sucessão, e não serve doutra cousa senão de ir com eles á guerra, e aconselha-los como se hão de haver na peleja; mas não castiga erros nem manda sobre eles cousa alguma contra suas vontades. E assim a guerra que agora têm uns contra outros não se levantou na terra por serem diferentes em Leis nem em costumes, nem por cobiça alguma de interesse: mas porque antigamente se algum acertava de matar outro, como ainda agora algumas vezes acontece (como eles sejam vingativos e vivam como digo absolutamente sem terem Superior algum a que obedecam nem temam) os parentes do morto se conjuravam contra o matador e sua geração e se perseguiam com tal mortal ódio uns aos outros que daqui veio dividirem-se em diversos bandos, e ficarem inimigos da maneira que agora estão. E porque estas dissensões não fossem tanto por diante, determinaram atalhar a isto, usando do remedio seguinte, para por esta via se poderem melhor conservar na paz e se fazerem mais fortes contra seus inimigos. E é que quando tal caso acontece de um matar a outro, os mesmos parentes do matador fazem justiça dele e logo à vista de todos o afogam. E com isto os da parte do morto ficam satisfeitos e uns e outros permanecem em suas amizades como dantes. Porem como esta Lei seja voluntária e executada sem rigor nem obrigação de justiça alguma, não querem algum estar por ela, e daqui vem logo pelo mesmo caso a dividirem-se, e levantarem-se de parte a parte uns contra os outros, como já disse.

As povoações destes Índios são aldeias: cada uma delas tem sete, oito casas, as quais são mui compridas feitas á maneira de cordoarias ou tarracenas fabricadas somente de madeira e cobertas com palma ou com outras ervas do mato semelhantes; estão todas cheias de gente de uma parte e doutra e cada um por si

tem a sua instancia, e sua rede armada, em que dorme e assim estão uns juntos dos outros por ordem, e pelo meio da casa fica um caminho aberto por onde todos se servem como dormitório, ou coxia de gale. Em cada casa destas vivem todos muito conformes, sem haver nunca entre eles nenhuma diferença: antes são tão amigos uns dos outros, que o que é de um é de todos, e sempre de qualquer cousa que um coma por pequena que seja, todos os circunstantes hão de participar dela. Quando alguém os vai visitar a suas aldeias depois que se assenta costumam chegarem-se a ele algumas moças escapeladas, e recebem-no com grande pranto derramando muitas lagrimas perguntando-lhe (se é seu natural) onde andou, que trabalhos foram os que passou depois que daí se foi. Trazendo-lhe à memória muitos desastres que lhe poderão acontecer buscando em fim para isto as mais tristes e sentidas palavras que podem achar para provocarem o choro. E se é Português, maldizem a pouca dita de seus defuntos, pois foram tão mal afortunados que não alcançaram ver gente tão valorosa e luzida, como são os Portugueses, de cuja terra todas as boas cousas lhes vêm, nomeando algumas que eles têm em muita estima. E este recebimento que digo é tão usado entre eles, que nunca ou de maravilha deixam de o fazer, salvo quando reinam alguma malícia contra os que os vão visitar, e lhes querem fazer alguma traição

As invenções e galantarias de que usam, são trazerem alguns o beijo de baixo furado, e uma pedra comprida metida dentro do buraco. Outros ha que trazem o rosto todo cheio de buracos e de pedras, e assim parecem mui feios e disformes; e isto lhes fazem em quanto são meninos.

Tão bem costumam todos arrancarem a barba, e não consentem nenhum cabelo em parte alguma de seu corpo salvo na cabeça, ainda que ao redor dela por baixo tudo arrancam. As fêmeas prezam-se muito de seus cabelos e trazem-nos mui compridos, limpos e penteados, e as mais delas enastrados. E assim tão bem machos como fêmeas costumam tingir-se algumas vezes com o sumo de um certo pomo que se chama jenipapo que é verde quando se pisa e depois que o põem no corpo e se enxuga, fica mui negro e por muito que se lave não se tira senão aos nove dias.

As mulheres com que costumam casar são suas sobrinhas, filhas de seus irmãos ou irmãs: estas têm por legitimas, e verdadeiras mulheres, e não lhas podem negar seus pais, nem outra pessoa alguma pode casar com elas, senão os tios. Não fazem nenhuma cerimonia em seus casamentos, nem usam de mais neste acto que de levar cada um sua mulher para si como chega a uma certa idade, porque esperam que serão então de quatorze ou quinze anos pouco mais ou menos. Alguns deles têm tres ou quatro mulheres: a primeira têm em muita estima e fazem mais caso que das outras. E isto pela maior parte se acha nos principais que o tem por estado e por honra e prezam-se muito de se diferenciar nisto dos outros.

Algumas Índias ha que tão bem entre eles determinam de ser castas, as quais não conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem o consentirão ainda que por isso as matem. Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios, como senão fossem fêmeas. Trazem os cabelos cortados da mesma maneira que os machos, e vão á guerra com seus arcos e frechas, e á caça perseverando sempre na companhia dos homens, e cada uma tem mulher que a serve, com quem diz que é casada, e assim se comunicam e conversão como marido e mulher.

Todas as outras Índias quando parem, a primeira cousa que fazem depois do parto, lavam-se todas em uma ribeira, e ficam tão bem dispostas, como senão pariram, e o mesmo fazem á criança que parem. Em lugar delas se deitam seus

maridos na rede e assim os visitam e curam como se eles fossem as mesmas paridas. Isto nasce de elas terem em muita conta os pais de seus filhos, e desejarem em extremo depois que parem deles de em tudo lhes comprazer. Todos criam seus filhos viciosamente, sem nenhuma maneira de castigo, e mamam até a idade de sete, oito anos, se as mães té então não acertam de parir outros que os tirem das vezes. Não ha entre eles nenhuma boas artes a que se dêem, nem se ocupam noutra exercício senão em granjear com seus pais o que hão de comer, debaixo de cujo amparo estão agasalhados até que cada um por si é capaz de buscar sua vida sem mais esperarem heranças deles nem legítimas de que enriqueçam, somente lhe pagam com aquela criação em que a natureza foi universal a todos os outros animais que não participam de razão.

Mas a vida que buscam e granjearia de que todos vivem, é á custa de pouco trabalho, e muito mais descansada que a nossa: porque não possuem nenhuma fazenda, nem procuram adquiri-la como os outros homens, e assim vivem livres de toda a cobiça e desejo desordenado de riquezas, de que as outras nações não carecem; e tanto que ouro nem prata nem pedras preciosas têm entre eles nenhuma valia, nem para seu uso têm necessidade de nenhuma cousa destas, nem doutras semelhantes.

Todos andam nus e descalços assim machos como fêmeas, e não cobrem parte alguma de seu corpo. As camas em que dormem são umas redes de fio de algodão que as Índias tecem num tear feito á sua arte; as quais tem nove, dez palmos de comprimento, e apanham-nas com uns cordees que lhe rematam nos cabos, em que lhes fazem umas aselhas de cada banda por onde as penduram de uma parte e doutra, e assim ficam dous palmos pouco mais ou menos suspensas do chão de maneira que lhes possam fazer fogo debaixo para se aquecerem de noite ou quando lhes for necessário.

Os mantimentos que plantão em suas roças, com que se sustentam são aqueles de que atras fiz menção, s. mandioca e milho saburro. Alem disto ajudam-se da carne de muitos animais que matam, assim com frechas como por industria de seus laços e fojos onde costumam caçar a maior parte deles. Tão bem se sustentam do muito marisco e peixes que vão pescar pela costa em jangadas, que são uns tres ou quatro paus pegados nos outros e juntos de modo que ficam á maneira dos dedos da mão estendida, sobre os quais podem ir duas ou tres pessoas ou mais se mais forem os paus, porque são mui leves e sofrem muito peso em cima d'água. Tem quatorze ou quinze palmos de comprimento, e de grossura ao redor, ocuparam dous pouco mais ou menos.

Desta maneira vivem todos estes Índios sem mais terem outras fazendas entre si, nem granjeiras em que se desvelem, nem tão pouco estados nem opiniões de honra, nem pompas para que as hajam mister: porque todos, como digo, são iguais e em tudo tão conformes nas condições, que ainda nesta parte vivem justamente, e conforme à lei da natureza.

CAPÍTULO XI

Das guerras que tem uns com os outros e a maneira com que se hão nelas.

Estes Índios têm sempre grandes guerras uns contra outros e assim nunca se acha neles paz nem será possível, segundo são vingativos e odiosos, vedarem-se entre eles estas discordias por outra nenhuma via, senão for por meios da doutrina

cristã, com que os Padres da Companhia pouco a pouco os vão amansando como adiante direi.

As armas com que pelejam são arcos e flechas nas quais andam tão exercitados que de maravilha erram a cousa que apontam, por difícil que seja d'acertar. E no despedir delas são mui ligeiros em extremo, e sobre tudo mui arriscados nos perigos, e atrevidos em grão maneira contra seus adversários. Quando vão a guerra sempre lhes parece que têm certa a Victoria e que nenhum de sua companhia ha de morrer, e assim em partindo dizem, vamos matar, sem mais outro discurso, nem consideração, e não cuidam que tão bem podem ser vencidos. E somente com esta sede de vingança sem esperanças de despojos, nem doutro algum interesse que a isso os mova, vão muitas vezes buscar seus inimigos mui longe caminhando por serras, matos, desertos e caminhos mui ásperos.

Outros costumam ir por mar, de umas terras para outras em umas embarcações a que chamam Canoas, quando querem fazer alguns saltos ao longo da costa. Estas canoas são feitas á maneira de lançadeiras de tear, de um só pau em cada uma das quais vão vinte, trinta romeiros. Alem destas ha outras que são da casca de um pau do mesmo tamanho, que se acomodam muito ás ondas e são mui ligeiras, ainda que menos seguras; porque se alagam vão-se ao fundo, o que não têm as de pau que de qualquer maneira sempre andam em cima da água. E quando acontece alagar-se alguma os mesmos Índios se lançam ao mar e a sustentam até que a acabam d'esgotar, e outra vez se embarcam nela e tornam a fazer sua viagem.

Todos em seus combates são determinados, e pelejam mui animosamente sem nenhuma defensiva; e assim parece cousa estranha ver dous, tres mil homens nus de parte a parte frechar uns aos outros com grandes sovius e grita, maneando-se todos com grande ligeireza de uma parte para outra, para que não possam os inimigos apontar nem fazer tiro em pessoa certa. Porem pelejam desordenadamente e desmandam-se muito uns e outros em semelhantes brigas, porque não têm Capitão que os governe, nem outros oficiais de guerra a quem hajam de obedecer nos tais tempos; mas ainda que desta ordenança careçam, todavia por outra parte dão-se a grande manha em seus cometimentos, e são mui cautos no escolher do tempo em que hão de fazer seus assaltos ás aldeias dos inimigos, sobre os quais costumam dar de noite a hora em que os acém mais descuidosos. E quando acontece não poderem logo entra-los por alguma cerca de madeira lhes ser impedimento que eles têm ao redor da aldêa para sua defesa, fazem outra semelhante algum tanto separada da mesma aldêa e assim a vão chegando cada noite dez, doze passos, até que um dia amanhece pegada com a dos contrários, onde muitas vezes se acham tão vizinhos que vêm a quebrar as cabeças com paus que arremessam uns aos outros.

Mas pela maior parte os que estão na aldêa ficam melhorados da peleja, e as mais das vezes se tornam os cometedores desbaratados para suas terras sem conseguirem victoria, nem triunfarem de seus inimigos, como pretendiam; e isto assim por não terem armas defensivas nem outros apercebimentos necessários para se interterem nos cercos, e fortificarem contra seus inimigos, como tão bem prosseguirem muitos agouros, e qualquer cousa que se lhes antolha ser bastante para a retira-los de seu intento e tão inconstantes e pusilânimes são nesta parte, que muitas vezes com partirem de suas terras mui determinados, e desejosos de exercitarem sua crueldade, se acontece encontrar uma certa ave, ou qualquer outra cousa semelhante, que eles tenham por ruim prognostico, não vão mais por diante com sua determinação, e dali consultam tornar-se outra vez, sem haver algum da

companhia que seja contra este parecer. Assim que com qualquer abuso destas, a todo o tempo se abalam mui facilmente, ainda que estejam mui perto de alcançar victoria, porque já aconteceu terem uma aldêa quase rendida e por um papagaio que havia nela falar umas certas palavras que lhe eles tinham ensinado, levantaram o cerco, e fugiram sem esperarem o bom sucesso que o tempo lhes prometia, crendo sem duvida, que se assim o não fizeram morrerão todos a mãos de seus inimigos. Mas afora desta pusilanimidade a que estão sujeitos, são mui atrevidos, como digo, e tão confiados em sua valentia, que não ha forças de contrários tão poderosas que os assombrem, nem que os façam desviar de suas barbaras e vingativas tenções. A este propósito contarei alguns casos notáveis que aconteceram entre eles, deixando outros muitos á parte, de que eu poderá fazer um grande volume se minha tenção fora escreve-los em particular como cada um dos seguintes.

Na Capitania de São Vicente sendo capitão Jorge Ferreira aconteceu darem os contrários em uma aldêa que estava não mui longe dos Portugueses e neste assalto matarem um filho do principal da mesma aldêa. E porque ele era benquisto e amado de todos não havia pessoa nela que não pranteasse, mostrando com lagrimas e palavras máguadas o sentimento de sua morte. Mas o Pai, como corrido e afrontado de não haver ainda neste caso tomado vingança, pediu a todos com eficácia que se o amavam dissimulassem a perda de seu filho, e que per nenhuma via o quisessem chorar. Passados tres ou quatro meses, depois da morte do filho, mandou aperceber sua gente como convinha, por lhe parecer aquele tempo mais favorável e acomodado a seu propósito, o que todos logo cozeram em efeito. E dali a poucos dias deram consigo na terra dos contrários, que seria distancia de tres jornadas pouco mais ou menos, onde fizeram suas ciladas junto da aldêa em parte que mais podessem ofender a seus inimigos; e tanto que anoiteceu o mesmo principal se apartou da companhia com dez ou doze frecheiros escolhidos de que ele mais se confiava, e com eles entrou na mesma aldêa dos inimigos, que o haviam ofendido, e deixando-os á parte, só, sem outra pessoa o seguir, começou de rodear uma casa e outra, espreitando com muita cautela, de maneira que não fosse sentido, e da pratica que eles tinham uns com outros veio a conhecer pela noticia do nome qual era, e onde estava o que havia morto seu filho, e para se acabar de satisfazer, chegou-se da banda de fora á sua estancia, e como foi bem certificado de ele ser aquele, deixou-se ali estar lançado em terra esperando que se aquietasse a gente, e tanto que viu horas acomodadas para fazer a sua, rompeu a palma mui mansamente de que a casa estava coberta, e entrando foi-se direito ao matador, ao qual cortou logo a cabeça em breve espaço com um cutelo, que para isso levava. Feito isto tomou-a nas mãos e saiu-se fora a seu salvo, os inimigos que neste tempo acordaram ao reboiço e estrondo do morto conhecendo serem contrários, começaram de os seguir. Mas como seus companheiros que ele havia deixado em guarda estavam prontos ao sair da casa, mataram muitos deles, e assim se foram defendendo até chegarem ás ciladas donde todos saíram com ímpeto contra os que os seguiam e aí mataram muitos mais. E com esta victoria se vieram recolhendo para sua terra com muito prazer e contentamento. E o principal que consigo trazia a cabeça do inimigo chegando á sua aldêa a primeira cousa que fez foi-se ao meio do terreiro da aldêa, e ali a fixou num pau á vista de todos dizendo estas palavras: agora, companheiros e amigos meus, que eu tenho vingado a morte de meu filho, e trazida a cabeça do que o matou diante vossos olhos, vos dou licença que o choreis muito embora, que dantes com mais razão me podereis a mi chorar, em quanto vos parecia que por algum descuido dilatava esta vingança, ou que por ventura esquecido de tão grande ofensa já não pretendia toma-la, sendo eu aquele a quem

mais devia tocar o sentimento de sua morte. Dali por diante foi sempre este principal mui temido e ficou seu nome afamado por toda aquela terra.

Outro caso de não menos admiração aconteceu entre Porto-Seguro, e o Espírito Santo, naquelas guerras onde mataram Fernão de Sá, filho de Men de Sá, que então era Governador geral destas partes. E foi que tendo os Portugueses rendida uma aldêa com favor dalguns Índios nossos amigos, que tinham de sua parte, chegaram a uma casa para fazerem presa aos inimigos, como já tinham feito em cada uma das outras. Mas eles deliberados a morrer, não consentiram que nenhum entrasse dentro: e os de fora vendo sua determinação, e que por nem uma via se queriam entregar, disseram-lhes que se logo á hora o não faziam, és haviam de pôr fogo á casa sem nenhuma remissão. E vendo os nossos que com eles não aproveitava este desengano, antes se punham de dentro em determinação de matar quantos podessem, és puseram fogo: e estando a casa assim ardendo o principal deles vendo que já não tinham nenhum remedio de salvação nem de vingança e que todos começavam de arder, remeteu de dentro com grande fúria a outro principal dos contrários, que passava por defronte da porta da banda de fora e de tal maneira o abarcou que sem se poder livrar de suas mãos, o meteu consigo em casa, e no mesmo instante se lançou com ele na fogueira, onde arderam ambos com os mais que lá estavam, sem escapar nenhum.

Neste mesmo tempo e lugar, deu um Português uma tão grande cutilada a um Índio, que quase o cortou pelo meio: o qual caindo no chão já como morto antes que acabasse de espirar lançou a mão a uma palha que achou diante de si, e a tirou com ela ao que o matara, como que dissera: recebe-me a vontade, que te não posso mais fazer que isto que te faço em sinal de vingança, donde verdadeiramente se pode inferir que outra nenhuma cousa os atormente mais na hora da sua morte que a mágoa que levam de se não poderem vingar de seus inimigos.

CAPÍTULO XII

Da morte que dão aos cativos e crueldades que suão com eles.

Uma das cousas em que estes Índios mais repugnam o ser da natureza humana, e em que totalmente parece que se extremam dos outros homens, é nas grandes e excessivas crueldades que executam em qualquer pessoa que podem haver ás mãos, como não seja de seu rebanho. Porque não tão somente lhe dam cruel morte em tempo que mais livres e desimpedidos estão de toda a paixão; mas ainda depois disso, por se acabarem de satisfazer lhe comem todos a carne usando nesta parte de cruezas tão diabólicas, que ainda nelas excedem aos brutos animais que não tem uso de razão nem foram nascidos para obrar clemência.

Primeiramente quando tomam algum contrario se logo naquele fragrante o não matam levam-no a suas terras para que mais a seu sabor se possam todos vingar dele. E tanto que a gente da aldêa tem noticia que eles trazem o tal cativo, daí lhe vão fazendo um caminho até obra de meia légua pouco mais ou menos onde o esperam. Ao qual em chegando recebem todos com grandes afrontas e vitupérios tangendo-lhe umas fraturas que costumam fazer das canas das pernas doutros contrários semelhantes que matam da mesma maneira E como entram na aldêa depois de assim andarem com ele triunfando de uma parte para outra lançam-lhe ao pescoço uma corda de algodão, que para isso tem feita, a qual é mui grossa, quanto naquela parte que o abrange, e tecida ou enlaçada de maneira que ninguém a pode

abrir nem cerrar senão é o mesmo oficial que a faz. Esta corda tem duas pontas compridas per onde o tãõ de noite para não fugir. Dali o metem numa casa, e junto da estancia daquele que o cativou lhe armam uma rede, e tanto que nela se lança cessão todos os agravos sem haver mais pessoa que lhe faça nenhuma ofensa. E a primeira cousa que logo lhe apresentam é uma moça, a mais fermosa e honrada que ha na aldêa, a qual lhe dam por mulher: e daí por diante ela tem cargo de lhe dar de comer e de o guardar, e assim não vai nunca para parte que o não acompanhe.

E depois de o terem desta maneira mui regalado um ano, ou o tempo que querem, determinam de o matar, e aqueles últimos dias antes de sua morte, per festejarem a execução desta vingança, aparelham muita louça nova, e fazem muitos vinhos do sumo de uma planta que se chama aipim de que atras fiz menção. Neste mesmo tempo lhe ordenam uma casa nova onde o metem. E o dia que ha de padecer pela manhã muito cedo antes que o sol saia, o tiram dela, e com grandes cantares e folias o levam a banhar a uma ribeira. E tanto que o tornam a trazer, vão-se com ele a um terreiro que está no meio da aldêa e ali lhe mudam aquela corda do pescoço á cinta passando-lhe uma ponta para traz outra para diante; e em cada uma delas pegadas dous, tres Índios. As mãos lhe deixam soltas porque folgam de o ver defender com elas e ali lhe chegam uns pomos duros que tem entre si á maneira de laranjas com que possa tirar e ofender a quem quiser. E aquele que está deputado para o matar é um dos mais valentes e honrados da terra, a quem por favor e preeminência de honra concedem este officio. O qual se empena primeiro per todo o corpo com pena de papagaios e de outras aves de varias cores. E assim sai desta maneira com um Índio que lhe traz a espada sobre um alguidar, a qual é de um pau mui duro e pesado feito á maneira de uma maça, ainda que na ponta tem alguma de pá; e chegando ao padecente a toma nas mãos e lhe passa por baixo das pernas e dos braços meneando-a de uma parte para outra.

Feitas estas cerimoniaes afasta-se algum tanto dele e começa a lhe fazer uma fala a modo de pregação, dizendo-lhe que se mostre mui esforçado em defender sua pessoa, para que o não desonre, nem digam que matou um homem fraco, afeminado, e de pouco animo, e que se lembre que dos valentes é morrerem daquela maneira, em mãos de seus inimigos, e não em suas redes como mulheres fracas, que não foram nascidas para com suas mortes ganharem semelhantes honras. E se o padecente é homem animoso, e não está desmaiado naquele passo, como acontece a alguns, responde-lhe com muita soberba e ousadia que o mate muito embora, porque o mesmo tem ele feito a muitos seus parentes e amigos, porem que lhe lembre que assim como tomam de suas mortes vingança nele, que assim tão bem os seus o hão de vingar como valentes homens e haverem-se ainda com ele e com todo a sua geração daquela mesma maneira.

Ditas estas e outras palavras semelhantes que eles costumam arezoar nos tais tempos, remete o matador a ele com espada levantada nas mãos, em postura de o matar, e com ela o ameaça muitas vezes fingindo que lhe quer dar. O miserável padecente que sobre si vê a cruel espada entregue naquelas violentas e rigorosas mãos do capital inimigo com os olhos e sentidos prontos nela, em vão se defende quanto pode. E andando assim nestes cometimentos acontece algumas vezes virem a braços, e o padecente tratar mal ao matador com a mesma espada. Mas isto raramente, porque correm logo com muita presteza os circunstantes a livra-lo de suas mãos. E tanto que o matador vê tempo oportuno, tal pancada lhe dá na cabeça, que logo lha faz em pedaços. Está uma Índia velha preste com um cabaço grande na mão, e como ele cai acode muito depressa e mete-lho na cabeça para tomar nele os miolos e o sangue. E como desta maneira o acabam de matar fazem-

no em pedaços e cada principal que ai se acha leva seu quinhão para convidar a gente de sua aldêa. Tudo enfim assam e cozem, e não fica dele cousa que não comam todos quantos ha na terra, salvo aquele que o matou não come dele nada, e alem disso manda-se tarjar por todo o corpo, porque tem por certo que logo morrerá se não derramar de si aquele sangue tanto que acaba de fazer seu officio.

Algum braço, ou perna, ou outro qualquer pedaço de carne costumam assar no fumo, e te-lo guardado alguns meses, para depois quando o quiserem comer, fazerem novas festas, e com as mesmas cerimonias tornarem a renovar outra vez o gosto desta vingança, como no dia em que o mataram, e depois que assim chegam a comer a carne de seus contrários, ficam os ódios confirmados perpetuamente, porque sentem muito esta injuria, e por isso andam sempre a vingar-se uns dos outros, como já tenho dito. E se a mulher que foi do cativo acerta de ficar prenhe, aquela criança que pare, depois de criada matam-na, e comem-na sem haver entre eles pessoa alguma que se compadeça de tão injusta morte. Antes seus próprios avós, a quem mais devia chegar esta mágoa, são aqueles que com maior gosto o ajudam a comer, e dizem que como filho de seu pai se vingam dele, tendo para si que em tal caso não toma esta criatura nada da mãe, nem crêem que aquela inimiga semente pode ter mistura com seu sangue. E por este respeito, somente lhe dão esta mulher com que converse: porque na verdade são eles tais, que não se haveriam de todo ainda por vingados do pai se no inocente filho não executassem esta crueldade. Mas porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes quando se sente prenhe mata-a dentro da barriga e faz com que não venha à luz. Também acontece algumas vezes afeiçoar-se tanto ao marido, que chega a fugir para sua terra pelo livrar da morte. E assim alguns Portugueses desta maneira escaparam que ainda hoje em dia vivem . Porem o que por esta via senão salva ou por outra qualquer manha oculta, será cousa impossível escapar de suas mãos com vida, porque não costumam da-na a nenhum cativo, nem desistirão da vingança que esperam tomar dele por nenhuma riqueza do mundo, quer seja macho, quer fêmea, salvo se o principal, ou outro qualquer da aldêa acerta de casar com alguma escrava sua contraria, como muitas vezes acontece, pelo mesmo caso fica libertada, e assentam em não pretenderem vingança dela, por comprazerem aquele que a tomou por mulher, mas tanto que morre de sua morte natural, por cumprirem as leis da sua crueldade, havendo que já nisto não ofendem ao marido costumam quebrar-lhe a cabeça, ainda que isto raras vezes, porque se tem filhos não deixam chegar ninguém a ela, e estão guardando seu corpo até que o dêem á sepultura.

Outros Índios doutra nação diferente, se acham nestas partes ainda que mais ferozes, e de menos razão que estes. Chamam-se Aimorés, os quais andam por esta costa como salteadores e habitam da Capitania dos Ilhéus até a de Porto Seguro, aonde vieram ter do sertão no ano de 55 pouco mais ou menos. A causa de residirem nesta parte mais que nas outras, é por serem aqui as terras mais acomodadas a seu propósito, assim pelos grandes matos que tem onde sempre andam emboscados, como pela muita caça que ha nelas que é seu principal mantimento de que se sustentam.

Estes Aimorés são mais alvos e de maior estatura que os outros Índios da terra, com a língua dos quais não tem a destes nenhuma semelhança nem parentesco. Vivem todos entre os matos como brutos animais, sem terem povoações, nem casas em que se recolham. São mui forçosos em extremo e trazem uns arcos mui compridos e grossos conformes a suas forças, e a frecha da mesma maneira. Estes alarves têm feito muito dano nestas Capitánias depois que desceram a esta costa e mortos alguns Portugueses e escravos, porque são mui bárbaros, e

toda a gente da terra lhes é odiosa: não pelejam em campo nem têm alma para isso; põem-se entre o mato junto de algum caminho, e tanto que alguém passa atiram-lhe ao coração ou a parte onde o matem, e não despedem frecha que não na empreguem. As mulheres trazem uns paus grossos á maneira de maçãs, com que o ajudam a matar algumas pessoas quando se oferece ocasião. Até agora não se pode achar nenhum remedio para destruir esta pérfida gente, porque tanto que vem tempo oportuno fazem seus saltos, e logo se recolhem ao mato mui depressa, onde são tão ligeiros e manhosos, que quando cuidamos que vão fugindo ante quem os persegue, então ficam atras escondidos atirando aos que passam descuidados: e desta maneira matam muita gente. Pela qual razão todos quantos Portugueses e Índios ha na terra, os temem muito, e assim onde os ha nenhum morador vai a sua fazenda por terra, que não leve consigo quinze, vinte escravos de arcos e frechas para sua defensão. O mais do tempo andam derramados por diversas partes, e quando se querem ajuntar assoviam como pássaros, ou como bugios, de maneira que uns aos outros se entendem e conhecem, sem serem da outra gente conhecidos. Não dam vida uma só hora a ninguém, porque são mui repentinos e acelerados no tomar de suas vinganças, e tanto que muitas vezes estando a pessoa viva, lhe cortam a carne, e lha estão assando comendo á vista de seus olhos. São finalmente estes selvagens tão ásperos e cureis, que não se pode com palavras encarecer sua dureza. Alguns deles houveram já os Portugueses ás mãos: mas como sejam tão bravos e de condição tão esquiva nunca o poderão amansar, nem so meter a nenhuma servidão como os outros Índios da terra que não recusam como estes a sujeição do cativoiro.

Tão bem ha uns certos Índios junto do rio do Maranhão da banda do Oriente, em altura de dous grãos pouco mais ou menos, que se chamam Tapuyas, os quais dizem que são da mesma nação destes Aimorés ou pelo menos irmãos em armas, porque ainda que se encontrem, não ofendem uns a outros. Esses tapuyas não comem a carne de nenhuns contrários, antes são inimigos capitães daqueles que a costumam comer, e os perseguem com mortal ódio. Porem pelo contrario têm outro rito muito mais feio e diabólico, contra a natureza, e digno de maior espanto. E é que quando algum chega a estar doente de maneira que se desconfia de sua vida, seu pai, ou mãe, irmãos ou irmãs, ou quaisquer outros parentes mais chegados o acabam de matar com suas próprias mãos, havendo que usam assim com ele de mais piedade, que consentirem que a morte o esteja senhoreando e consumindo por termos tão vagarosos. E o pior que é que depois disso o assam e cozem, e lhe comem toda a carne, e dizem que não hão de sofrer que cousa tão baixa e vil como é a terra lhe coma o corpo de quem eles tanto amam, e que pois é seu parente e entre eles ha tanta razão de amor, que sepultura mais honrada lhe podem dar que mete-lo dentro em si , e agasalha-lo para sempre em suas entranhas.

E porque meu intento principal, não foi tratar aqui senão daqueles Índios que são gerais pela costa, com que Portugueses tem comunicação não me quis mais deter em particularizar alguns ritos desta, e doutras nações diferentes que ha nesta Província, por me parecer que seria temeridade e falta de consideração escrever em historia tão verdadeira, cousas em que por ventura podia haver falsas informações pela pouca noticia que ainda temos da mais gentildade que habita terra dentro.

CAPÍTULO XIII

Do fruto que fazem nestas partes, os Padres da companhia com sua doutrina.

Por todas as Capitánias desta Província estão edificados Mosteiros dos Padres da Companhia de Jesus e feitas em algumas partes algumas Igrejas entre os Índios que são de paz onde residem alguns Padres para os doutrinar e fazer Cristãos: o que todos aceitam facilmente sem contradição alguma porque como eles não tenham nenhuma Lei nem cousa entre si que adorem, É-lhes muito fácil tomar esta nossa. E assim tão bem com a mesma facilidade, por qualquer cousa leve a tornam a deixar, e muitos fogem para o sertão, depois de batizados e instruídos na doutrina cristã; e porque os Padres vêm a inconstância que ha neles, e a pouca capacidade que têm para observarem os mandamentos da Lei de Deus, principalmente os mais antigos, que são aqueles em que menos frutifica a semente de sua doutrina, procuram em especial planta-la em seus filhos, os quais levam de meninos instruídos nela. E desta maneira se tem esperança, mediante a divina graça, que pelo tempo adiante se vá edificando a Religião Cristã por toda esta Província, e que ainda nela floresça universalmente a nossa Santa Fé Católica, e mo noutra qualquer parte da Cristandade.

E para que o fruto desta doutrina se não perdesse antes de cada vez fosse em mais crescimento, determinaram os mesmos Padres de atalhar todas as ocasiões que lhe podiam da nossa parte ser impedimento e causa de escândalo, e prejuízo ás consciências dos moradores da terra. Porque como estes Índios cobiçam muito algumas cousas que vão deste Reino, convém a saber, camisas, pelotes, ferramentas, e outras peças semelhantes vendiam-se a troco delas uns aos outros aos Portugueses: os quais a voltas disto salteavam quantos queriam, e faziam-lhes muitos agravos, sem ninguém lhes ir á mão. Mas já agora não ha esta desordem na terra, nem resgates como soía. Porque depois que os Padres viram a sem razão que com eles se usava, e o pouco serviço de Deus que daqui se seguia, proveram neste negócio e vedaram, como digo, muitos saltos que faziam os mesmos Portugueses por esta costa, os quais encarregavam muito suas consciências com cativarem muitos Índios contra direito, e moverem-lhes guerras injustas. E para evitarem tudo isto, ordenaram o Padres, e fizeram com os Governadores e Capitães da terra que não houvesse mais resgates daquela maneira, nem consentissem que fosse nenhum Português a suas aldeias sem licença do seu mesmo Capitão. E se algum faz o contrario, ou os agrava per qualquer via que seja ainda que vá com licença pelo mesmo caso é mui bem castigado conforme a sua culpa.

Alem disto para que nesta parte haja mais desengano, quantos escravos agora vêm novamente do sertão ou de umas Capitánias para outras, todos levam primeiro a alfândega e ali os examinam, e lhes fazem perguntas, quem os vendeu, ou como foram resgatados, porque ninguém os pode vender senão seus pais, se for ainda com extrema necessidade ou aqueles que em justa guerra os cativam: e os que acham mal adquiridos põem-nos em sua liberdade. E desta maneira quantos Índios se compram são bem resgatados, e os moradores da terra não deixam por isso de ir muito avante com suas fazendas.

Outros muitos benefícios e obras pias têm feito estes Padres e fazem hoje em dia nestas partes, a que com verdade se não pode negar muito louvor. E porque elas são tais que por si se apregoam pela terra, não me quis entremeter a trata-las aqui mais por extenso: basta sabermos quam aprovadas são em toda parte suas

obras por santas e boas, e que sua tenção não é outra senão dedica-las a nosso Senhor, de quem somente esperam a gratificação e prêmio de suas virtudes.

CAPÍTULO XIV

Das grandes riquezas que se esperam da terra do sertão.

Esta Província Santa Cruz alem de ser tão fértil como digo, e abastada de todos os mantimentos necessários para a vida do homem, é certo ser tão bem mui rica, e haver nela muito ouro e pedraria, de que se tem grandes esperanças. E a maneira como isto se veio a denunciar e ter por causa averiguada foi por via dos Índios da terra. Os quais como não tenham fazendas que os detenham em suas pátrias, e seu intento não sejam outro senão buscar sempre terras novas, afim de lhes parecer que acharão nelas imortalidade e descanso perpetuo, aconteceu levantarem-se uns poucos de suas terras, e meterem-se pelo sertão dentro: onde depois de terem entrado algumas jornadas, foram dar com outros Índios seus contrários, e ali tiveram com eles grande guerra. E por serem muitos, e lhes darem nas costas, não se puderam tornar outra vez a suas terras: por onde lhes foi forçado entrar pela terra dentro muitas léguas. E pelo trabalho e má vida que neste caminho passaram, morreram muitos deles, e os que escaparam foram dar em uma terra, onde havia algumas povoações mui grandes, e de muitos vizinhos, os quais possuíam tanta riqueza que afirmaram haver ruas mui compridas entre eles, nas quais se não fazia outra cousa senão lavar peças douro e pedrarias.

Aqui se detiveram alguns dias com estes moradores: os quais vendo-lhes algumas ferramentas que eles levavam consigo perguntaram-lhes de quem as haviam, ou porque meios lhes vinham ter ás mãos. Responderam-lhe que uma certa gente habitava ao longo da costa da banda do Oriente, que tinha barba e outro parecer diferente, de que as alcançavam, que são os Portugueses. Os mesmos sinais lhes deram estoutros dos Castelhanos do Peru, dizendo-lhes que tão bem da outra banda tinham noticia haver gente semelhante, então lhes deram certas rodela todas chapadas douro, e esmaltadas de esmeraldas, e lhes pediram que as levassem, para que se acaso fossem ter com eles a suas terras lhes dissessem que se a troco daquelas peças e outras semelhantes lhes queriam levar ferramentas, e ter comunicação com eles, o fizessem que estavam prestes para os receber com muito boa vontade. Depois disto partiram-se daí e foram dar em o Rio das Amazonas, onde se embarcaram em algumas canoas que fizeram e a cabo de terem navegado por ele acima dous anos, chegaram á Província do Quito, terra do Peru, povoada de Castelhanos. Os quais vendo esta nova gente espantaram-se muito, e não sabiam determinar donde eram, nem a que vinham. Mas logo foram conhecidos por gentio da Província Santa Cruz de alguns Portugueses que então na mesma terra se acharam. E perguntando por eles a causa de sua vinda contaram-lhes o caso meudamente fazendo-os sabedores de tudo o que lhes havia sucedido. E isto veio-nos á noticia, e assim por via dos Castelhanos do Peru, onde estas rodela foram vendidas por grande preço, como pela dos mesmos Portugueses que lá estavam quando isto aconteceu, com os quais falaram alguns homens deste Reino, pessoas de autoridade e dignas de credito, que testificam ouvirem-lhes afirmar tudo isto por extenso da maneira que digo. E sabe-se de certo que está toda esta riqueza nas terras da Conquista de El Rei de Portugal, e mais perto sem comparação das povoações dos Portugueses, que dos Castelhanos. Isto se mostra claramente no

pouco tempo que puseram estes Índios em chegar a ela, e no muito que despenderam em passarem daí ao Peru, que foram dous anos, como já disse. Alem da certeza que por esta via temos ha outros muitos Índios na terra que tão bem afirmam haver no sertão muito ouro, os quais posto que são gente de pouca fé e verdade, dá-se-lhes credito nesta parte, porque acerca disto os mais deles são contestes, e falam em diversas partes per uma boca. Principalmente é publica fama entre eles que ha uma légua mui grande no interior da terra donde procede o Rio de São Francisco, de que já tratei, dentro da qual dizem haver algumas ilhas e nelas edificadas muitas povoações, e outras ao redor dela mui grandes onde tão bem ha muito ouro e mais quantidade, segundo se afirma, que em nenhuma outra parte desta Província. Tão bem pela terra dentro não muito longe do Rio da Prata descobriram os Castelhanos uma mina de metal da qual se tem levado ouro ao Peru e de cada quintal dele dizem que se tirou quinhentos e setenta cruzados e de outro trezentos e tantos: o de mais que dela se tira é cobre infinito.

Tão bem descobriram outras minas de umas certas pedras brancas e verdes, e de outras cores diversas, as quais são todas de cinco, seis quinas cada uma, á maneira de diamantes, e tão bem lavradas da natureza, como se per industria humana o foram. Estas pedras nascem em um vaso como Coko, o qual é todo oco com mais de quatrocentas pedras ao redor, todas enxeridas na pedreira com as pontas para fora. Alguns destes pedernais se acham ainda imperfeitos, porque dizem que quando são de vez, que por si arrebentam com tanto estrondo, como se disparasse um exercito de arcabuzes: e assim acharam muitas, que com a fúria, segundo dizem, se metem pela terra um e dous estádios.

Do preço delas não trato aqui, porque ao presente o não pude saber, mas sei que assim destas como doutras ha nesta Província muitas e mui finas, e muitos metais, donde se pode conseguir infinita riqueza. A qual permitirá Deus que ainda em nossos dias se descubra toda, para com ela se aumente muito a Coroa destes Reinos: aos quais desta maneira esperamos, mediante o favor divino, ver muito cedo postos em feliz e prospero estado, que mais se não possa desejar.

FIM